RP
6
12

RP
6
12

Cart.
RP
6
12
BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LIVRARIA
SECULARIO PIMENTA

Amaveis leitores:

Deponhamos a rethorica. Não vae arreada das promettedoras phrases d'um programma a nossa *Vespa,* e n'isto está talvez o seu direito á vossa amiga estima.

No paiz, onde, desde o organisar-se d'um corrilho politico até á inauguração d'uma philarmonica em Figueiró dos Vinhos, nada se diz, nada se faz desacompanhado das declamações tradicionaes da nossa indole, não ter um programma, não prometter cousa alguma, é mais do que estranho, é ser-se quasi original.

A *Vespa,* investindo assim com tão radicadas costumeiras, deverá porém parecer um perigo social, um torpêdo armado ao incauto repouso da burguezia sensata, de que a policia não poderá levantar mão sem o eminente risco d'uma crise enorme.

Mas não!.. que elles descancem, os bons, os laboriosos *leudes* da opinião publica, que nós não assustaremos Melicio, mas não tripudiaremos tambem nos festins demagogicos, onde os vinhos de Cartaxo se bebam por craneos de reis. Horror!.

* * *

A *Vespa* não se affirma em politica senão talvez pelo lado esthetico.

E sob tal ponto de vista não desadora a palidez romantica do sr. Barjona, sem dispensar-se de achar que é de mais a polposa carnação do prelado de Vizeu.

Do que se infere que nos não pruem cobiças d'alevantadas hierarchias burocraticas que, obscurecendo-nos a plastica fransina do sr. Braamcamp—o estitico, nos adelgaçassem a corpulencia sadia do sr. Sampaio—o rustico.

E neste meio termo, neste equilibrio artistico é que estão firmadas as pagãs opiniões politicas da nossa hebdomadaria *Vespa.* Que elles, pois, se não enervem, que busquem na hygiene da alma e na limpeza do corpo a immunidade ás ferretoadas do insecto, que, ainda assim, os pouparia vendo-os verminosos a reçumar das *vêrdes podridões.*

* * *

Na litteratura a *Vespa* esvoaça estonteada das relamborias endeixas d'um romantico de provincia para as fesceninas trovas dos vates realistas.

Desnortearam-lhe o rumo das idéas, e, a não salval-a Silva Pinto, talvez se apegue ao *Pal-*

1877

meirim d'Inglaterra, ou caia arquejante nos braços do hellenico Viale...

Que nos dêem o criterio das modernas lettras portuguezas, que esta luta asfixia-nos.

Por ora o que sentimos são as insinuantes emanações dos frascos de Labarraque, de que cada leitor carece premunir-se antes de ler.

* * *

Bem vês, burguez amigo, que nada tens á arrecear-te das inoffensivas idéas da *Vespa*, se os desvios nas duas mais subidas manifestações da tua vida social e intellectual não vingam merecer as apostrophes biliosas da sua ira cheia d'adjectivos violentos.

Não! ella não chorará um grande pranto sobre as tuas crises financeiras, mas não te acompanhará tambem nas alegrias infantis de *terdes entre vós, nos muros da iuvicta, a real vergontea d'aquelle.... e tal, etc.*

Na sua missão, qualquer que ella seja, a *Vespa* vestir-se-ha das côres modestas dos quadros apraziveis em que possas repousar o espirito assustado dos desperdicios fazendarios dos teus ministros ou dos vulcanicos programmas dos teus esturdios republicos.

N'esse em meio recebel-as-has com agradavel complacencia, rirás dos seus maus dictos, terás as gargalhadas sonoras das compleições sadias para as cousas picarescas do teu meio social, collaborando assim com o teu bom senso pratico na destruição das cousas riziveis e no ostracismo dos teus rethoricos officiaes...

E d'este modo a missão da *Vespa* accentual-a-has tu; serão filhas de ti mesmo, do teu trabalho inconsciente, as idéas praticas que colhêres da leitura das suas chronicas ligeiras, ou da inspecção dos seus quadros allegoricos. Dar-lhes-has fóros sociaes, ás suas idéas, animalisadas e tornadas positivas em ti, bom e sincero burguez, mas não julgues compensar-te no provavel incenso dos teus instinctos de mercancia, quando os tiveres.

* * *

Ao terminar esta carta, temos como que a preoccupação d'uma promessa mal cumprida.

Quizeramos fugir á affirmação que obriga, do nosso crédo: nada prometter para nada dever, e, na corrente das idéas, nem sabemos se deixou entrever-se que seriamos uns sabios!

Não! que nos perdoem; que esqueçam o que escrevemos, mas que nos não citem no futuro por relapsos...

Não! A nós não nos exorna o peito o colar do academico! não! nós não temos a cadeira de couro armoriada do gordo conselheiro!.. não! nós, se *repartimos já por quatro lettras*—não chegamos ainda á elementar *theoria do radioscopo!*

É uma crassa ignorancia, bem sabemos, mas que nos não fulmine o sr. Ramalho Ortigão....

A REDACÇÃO.

SECÇÃO LITTERARIA

Relembra ainda com saudade a gentil cantôra que inspirou os versos que ahi vão. Se não tem palpitante novidade o assumpto, é demais a graciosa execução do verso para auctorisar-lhe a publicação hoje ainda.

A DUPUY

E' bella, loura e travessa
A Dupuy, flor das houris:
Quando saccode a cabeça
E volve os olhos subtis,
Não ha sol que mais aqueça
Os corações juvenis.

Salero!
Eis a *mañola!*
Eis a hespanhola
Que applaudo e quero!

Que borboletas tão brancas
As tuas mãos, flor de liz!
Quando as pousas sobre as ancas
Com movimentos gentis,
Anciosos bravos arrancas
Entre os applausos febris!

Salero!
Eis a *mañola!*
Eis a hespanhola
Que applaudo e quero!

Quando pousas a mantilha
Sobre o pente rendilhado,
Fazes lembrar as morenas,
Que em Sevilha
Dançam vivas *malagueñas*,
Applaudem os matadores,
Lançam flores
A' arena que o sangue banha.

Salero!
Eis a *mañola!*
Eis a hespanhola
Que applaudo e quero!

O arcebispo de Toledo
Dera o baculo esculpido,
O seu coche, o seu cabido,
Por beijar as espiraes
Do teu cabello comprido;
Por te ouvir os meigos ais
Do coração commovido,
A' sombra dos laranjaes
Que o Xenil innunda e banha.

Salero!
Repeti, echos d'Hespanha!
Eis a *mañola!*
Eis a hespanhola
Porque *me muero!*

PHOTOTYPIAS EM PROSA

ANTONIO RODRIGUES DE SAMPAIO [1]

Começamos esta galeria pela ampla figura do sr. Antonio Rodrigues de Sampaio, por duas razões: a primeira porque o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio é o ministro da corôa mais volumoso que tem tido este paiz, a contar de 1834 até hoje, 3 de março de 1877; a segunda porque o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio possue o melhor estomago de ministro de que ha memoria na historia debilitante do nosso constitucionalismo anemico.

O volume dá, por isso, ao sr. Antonio Rodrigues de Sampaio a superioridade plastica sobre todos os seus collegas preteritos, e a voracidade dá-lhe a supremacia esthetica.

Com effeito o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio, na numerosa galeria dos seus predecessores, *avulta* como a figura mais imponente de essa galeria, pela exuberancia das carnes, pelo luxo dos tecidos, pela riqueza inexgotavel dos untos. Tudo n'elle é amplo, exuberante e magestoso como uma floresta dos tropicos. E d'esta riqueza elephantina de formas provem a compostura dos seus gestos, a tranquillidade das suas phrases, a bonhomia picante dos seus ditos, a serenidade das suas replicas, a ironia pachorrenta da sua polemica, a satisfação constante da sua pessoa, a *gaucherie* pittoresca dos seus movimentos, as difficuldades offegantes da sua eloquencia parlamentar, que lhe faz torcer os collarinhos com o suor, e que lhe está sempre a pedir que desabotoe o collete e até que dispa a casaca.

A robustez do estomago dá-lhe a superioridade esthetica, ideal, que tem toda a creatura humana no pleno gozo d'uma forte actividade organica. Não se comprehende o Hercules Farnesio com um cancro no estomago ou sequer com um embaraço gastrico. Desde que a scien-

[1] Depois de escripto este artigo, sabemos que s. ex.ª rebolou pelas escadas do poder abaixo.

A TRANSFIGURAÇÃO

cia declarou que entre o corpo e o espirito não ha antagonismo, mas simplesmente uma relação convencional de phenomenalidade, isto é, que o corpo.... é o corpo, e que o espirito é apenas uma synthese da sua actividade organica, chegou-se á conclusão de que tal corpo tal espirito. A saude é uma das primeiras exigencias da alma. Ora, se ha symptoma infallivel para a avaliação da boa saude d'um individuo é esse o da regularidade das funcções de nutrição, dependentes essencialmente da regularidade das forças digestivas. Uma boa digestão é como uma boa elaboração de ideas. E sendo o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio um dos melhores estomagos do paiz, é por isso um dos melhores espiritos d'estes reinos. Estamos d'aqui a ver a opposição espumar de furor contra tal asserto.

Tenha a opposição paciencia, mas a verdade é esta, e nós temos o fanatismo da verdade.

Não sabemos onde o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio nasceu, nem em que epocha.

Mas nem sequer o tentamos averiguar, porque entendemos que era um dado perfeitamente inutil na biographia conscienciosa do actual ministro do reino, que é ministro do reino e Antonio Rodrigues de Sampaio, quer tenha nascido em Lavarrabos quer na Porcariça.

São bagatellas indignas de nós e de s. ex.ª

Sabemos só que estudou para padre em Braga, que foi jacobino em 1847, conselheiro do Tribunal do Contas em 1861, salvo o erro, ministro de estado em 1870, e sempre homem de espirito, desde aprendiz de padre até conselheiro da corôa, um prodigio, pois um espirito que conserva a sua natural vivacidade, resistindo desde a lithurgia e do cantochão até ao estylo dos accordãos e das portarias, é preciso que tenha uma força de vitalidade como as hydras ou polypos de agua doce. E note-se que o espirito do sr. Antonio Rodrigues de Sampaio não é de agua doce; tem *piques* oceanicos, phosphorecencias maritimas, e o forte e acre perfume das aragens do mar. Tem mesmo tempestades e sussurros profundos e cavernosos que fazem empallidecer de terror os instinctos mansamente hydrophobos dos catraeiros do jornalismo portuguez. É soberbo na aggressão: a sua penna toma as proporções d'uma tromba de elephante; enrosca-se no adversario, vira-o de pernas para o ar, cospe-o ao tecto, apara-o na queda, equilibra-o n'um pé, volteia-o nos ares, apanha-o de novo, estende-o no chão, agarra-o ainda, cança-o, moe-o, estonteia-o e atira-o finalmente contra uma parede, deixando-o alli espalmado e nullo como a eloquencia do sr. Manuel d'Assumpção, da qual e *do cujo* fallaremos brevemente.

JOÃO RUBIO.

CARICATURAS

Venho-a aqui—a guerra do Oriente! e seguro n'esta mão a esphinge, o segredo enorme da politica do norte. Venho revelar-te, leitor, os meus escrupulos que eu tremo de não poder valer ao caso infando!

Vae tudo conflagrar, mas ah! a culpa não a imputes aos barbaros *panslavistas*, que ella é toda nossa, assentamol-a á nossa meza, tractamol-a por tu.

Quem diz do caso, é um livro que aqui tenho —*Esboços criticos*. Domina o teu assombro e escuta o que elle nos diz.

«Na diminuta lista, começa elle, dos *romancistas* portuguezes ha tres vultos, dignos rivaes, entre os quaes, se um dia se acender, o combate será assolador, calamitoso: haverá (*hic*) conflagração geral.»

É o ponto: estamos na eminencia do perigo. Os homens vão pegar-se e a Europa está perdida!

Mas um remedio ainda! Que ella saiba ao menos quem lhe ensanguentei-a a historia! que lhe não restem duvidas! que possa ainda metter-lhe dois empenhos!

Que a Europa attenda e lhe decore os nomes:

os terriveis lutadores são Alexandre Herculano Rodrigues Sampaio e Custodio José Vieira!

Tu, leitor, empallideces e não comprehendes bem. Imaginavas aquelle no pacifico retiro de Val de Lobos, entregue todo ao seu nome, que valle muito, ao seu azeite que valle mais? ai! como te illudiste! Quem sabe se elle estará martelando nas forjas de Krupp ou provocando á luta os povos opprimidos, que elle, «*hombreando com Ampere, Thierry, Grimm e Guisot preferiu sempre a dura enxerga da liberdade a ser embalado nos aureos berços do absolutismo!*

Bem vês que é grande e tanto que o chamam, sem policia correccional, «o *Salomão, o sabio do nosso paiz!*

Ninguem dizia melhor da sua austeridade.

Mas elle não vingará na sua resolução, porque um *vulto enorme* se avisinha: disputam: vão lutar.

Quem vencerá?

Herculano ataco-o: Sampaio *encara-o, recebe os golpes que o inimigo lhe vibra....* assoa-se e depois *impassivelmente, friamente*, sem suar, *toma as armas que o outro lhe apontava*, cuspinha os dedos que passa pelo gume, vê *que estão embotadas, cahidas aqui, alli sem o ferirem nem de leve*, hesita entre matal-o ás facadas ou esborrachal-o até que *finalmente com as proprias armas d'elle, agora bem pullidas*, investe com elle, terrivel, apopletico, *vê-o cahir* simulando um morto, *e procurar depois na fuga a salvação vergonhosa.*

Mas não irá para longe: Rodrigues Sampaio tem o pé ligeiro e *corta-lhe a retirada*, elle arremette de novo, este faz-lhe rosto e então é que é vêl-os! *Brinca como elle*, dá-lhe piparotes que Herculano lhe agradece trocando-lhos a pansadas, mas Sampaio embirra com a chalaça e *joga-lhe n'um gesto uma ironia pungente* que lhe abre as carnes, *põe-lhe a mão na chaga e tem dó.*

Porém não venceu ainda, que a lucta estrondeou e Custodio, *a sentinella, firme no seu posto, entra no combate, como se entrasse em casa da leitora e severo* manda-os dispersar.

Retrucaram palavras exquisitas, e então foi vêl-o *lançar-se terrivel, medonho, de labios espumantes donde irrompem torrentes de palavras que fumegam e envolvem*—já é—*contendor.*

Depois, *similhando o mar encapellado, revolto agarra no pobre naufrago*, em Sampaio pelo coz das calças e *n'um ultimo esforço batte, pum! com elle em cheio no rochedo!*

É uma peste que tresanda!

Tinham ido accordar o leão!

É d'estes tres *athletas* que impende a sorte das nações orientaes.

Ahi vae a amostra da lucta. Que elles não venham ás mãos; que a diplomacia medite n'este quadro, porque o perigo está aqui.

Que os separem bem! que elles se não vejam: se ao menos os adormecessem....

Sirvam-lhe os *Esboços criticos.*

Manuel, quando nas camaras
Botas falla, Manuel,
És terrivel,
És incrivel,
És um vivo bacharel.

E dizem que o Serpa amigo
Fôra, ha dias, ter comtigo,
(Ha quem vira)
E pedira
Um, sequer, logar commum.
—Dou-lhe tres á mingua d'um,
Que tenho no meu espolio,
Em querendo,
Entre as camisas de gomma,
A Tarpêa, o Capitolio,
E Cattilina batendo,
A's velhas portas de Roma.

VASCO ASCENCIO.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao escriptorio da redacção em Coimbra — rua da Trindade, 72.

COIMBRA — Imprensa Academica.

DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO

OPINIÕES

Maioria — Se lhe não acudimos... estoira.

Opposição — Se não nos chamam... entysica

O NOVO MINISTERIO

Ninguem nos diz d'onde elle veio. Ninguem lhe sabe a historia!

Lisboa adormeceu oppilada com um discurso de Barros and Cunha, e accordou estonteada aos berros dos pregoeiros das virtudes civicas do sr. de Bolama.

Não comprehendia! Nas ruas os pacificos burguezes tinham no rosto o tom interrogativo d'uma calamidade desconhecida.

No ar um cheiro a enxofre que empestava.

Ninguem se conhecia e todos se fallavam. Era um *tohu-bohu* indescriptivel.

Adivinhava-se um acontecimento: mas ninguem sabia ao certo; pelo cheiro um *gavroche* aventou:

— Se Sampaio teria rebentado.

Lembrava bem: mas que? ninguem o affirmava.

A curiosidade accentuava-se como a maré que sobe. Na esquina d'uma rua surge alguem que todos cercam.

Quem quer que era trazia no rosto uma tristeza enorme, e nas mãos umas luvas da côr do açafrão.

E tinha nos collares uns bordados exquisitos. Era Miguel Maximo.

Havia cousa!

O circulo aperta-se: vão abafal-o com perguntas, mas elle tenta escapar-se, porque vae com pressa e não quer que o amarrotem.

Mas esse não o deixam, perseguem-n'o, obrigam-n'o a fallar.

Fez-se o silencio em volta.

—Elle.... cahiu!....

Disse soturnamente, e sumiu-se por entre a multidão confusa, entontecida.

E todos repetiam baixo: elle cahiu!

Não havia duvidal-o: elle o tinha dicto!

E a patria e Famalicão ficaram sabendo.

Elle cahira!

* * *

E tinha cahido de certo:

Affirmara-o Lisboa pela voz da sua imprensa, e a nova correra rapida como se fosse a luz d'uma grande aurora.

Ignorava-se a causa, mas acceitavam o facto como consumado, quer fosse filho d'um impeto de generosa moralidade, quer um *truc* a mais nos fastos da politica portugueza.

Como quer que fosse, o Rei sancionara, e a

representação nacional abriu os frouxos seios aos beijos lascivos dos novos sacerdotes.

Ninguem explicava se sahira armado como Minerva do craneo luzidio do Jupiter cahido, ou se o criara ao bom calor das idéas *progressistas* Braamcamp—o dôce parlamentar. Ninguem sabia...

* * *

...o que a biologia explica. Das nações póde dizer-se como do organismo humano, cuja vida reside na harmonia dos dous systemas gastrico e cerebro-spinal. Um não póde viver independente, porque annular o outro é destruir-se a si. Se prepondera aquelle, este estiolará; dominando este, vencerá a corrente que desassimila, e o organismo morre.

Com tão singelo simile não póde haver escuridades.

Com a politica regeneradora prepondera o systema gastrico: absorve-se em extremo; o paiz cria engulhos e carece de purgar-se.

N'esse ponto dá-se-lhe uma dóse d'Avila, que a patria anceia pelo ricino.

Está tudo explicado.

* * *

D'onde se vê que não foram os desbarates caprichosos do sr. Fontes, nem as eloquentes diatribes biliosas do sr. José Luciano que opperaram tal transformação!

Nem foi uma violenta apostrophe parlamentar que os desthronou ainda!

Não!

Ali não venceu a rethorica: dominou a hygiene.

Cahiram, sim, mas por uma medida de salubridade publica.

E como tudo se remediava se o sr. José Dias fosse um... desinfectante!

VASCO ASCENSIO.

SECÇÃO LITTERARIA

DECLARAÇÃO

Eu descreio de vós, apparições formosas,
Que apenas vos mostraes no baile e nos passeios,
Levando sempre preso á branca flor dos seios
O olhar das multidões ardentes, languorosas.

Sois bellas, sois gentis, e as curvas graciosas
Do vosso corpo tem uns magicos enleios:
É fogo o vosso olhar, desperta devaneios,
Se acaso nos fitaes, visões apparatosas.

Mas eu que sei o lodo, as aspides mortaes,
As negridões da alma, os vicios que occultaes
Debaixo d'um sorrir de virgens scismadoras:

Que sei as vis paixões que em vós alimentaes,
Que só fingis pudor, sem nunca o ter jámais,
Aqui vos declaro—odeio-vos senhoras.

AO CORPUS JURIS CANONICI

(N'UMA AULA DA UNIVERSIDADE)

Sagrado *Corpus Juris*, monumento
De tão pio saber, descança em paz!
E cêdo possa a mão d'um—aqui jaz—
Gravar na tua campa o esquecimento.

Dispozeste do mundo a teu contento,
E gozaste a valer quando rapaz,
Mas afinal venceu-te Satanaz,
—O campeão do livre pensamento!—

Se não fosse Proudhon, Voltaire e Kant,
Quem sabe o que farias, meu tratante,
D'esse padre *infallivel*, teu herdeiro!

Bem te importa a ti quem tinha fome!
Por isso agora a sanie te consome,
Ó gordo sabichão azevieiro!

PHOTOTYPIAS EM PROSA

MANUEL D'ASSUMPÇÃO

II

Manuel d'Assumpção, como orador, é simplesmente um genio.

Os invejosos da sua gloria têm por ahi propalado que o homem é banal e chôcho, como um ovo furado..... Não ha nada que o subtil e lethal veneno da corrosiva inveja não contamine!... Nós estamos aqui para endireitar a gloria de Manuel d'Assumpção, especando-lhe a reputação e desancar os invejosos.

Manuel nasceu em Villa-Real, capital de Traz-os-Montes. Os eccos sonoros das margens sinuosas do Corgo deram-lhe á palavra aquellas entonações ôcas e rotundas, que são o principal merecimento dos seus discursos hydropicos. Depois estudou Direito em Coimbra, recebendo dos salgueiraes do Mondego e dos olivaes do Penêdo da Saudade a feição delambidamente romantica que caracterisa os seus raptos de lyrismo constitucional secundario.... Todo o homem é influenciado pelo meio geographico e Manuel passa por homem.

Um dia descobriu-se no bêcco dos Militares em Coimbra que Manuel de Assumpção era um genio, por que tocava a *Traviata* em piano, pondo os olhos no tecto e dando-se uns ares poeticos e incomprehendidos de Armand.... sylvestre. E Manuel começou desde então a ser apontado mysteriosamente como um genio pelos declinadores do *arbor, arboris* e pelas serventes do bairro alto.

Foi um successo immenso, um successo *rosalino*. Manuel collocou-se á altura da sua grande reputação e inventou uma polka. Ficaram desde esse dia consolidados os seus creditos de orador.

Caminhando de triumpho em triumpho, Manuel fez um dia um discurso no Theatro academico e desde então ninguem ousou mais contestar que Manuel não fosse um grande musico.

Surge a *janeirinha* e Manuel, accêso em santo zelo pelas economias, vae á Porta do Sol fazer um discurso por seis tostões e viagem paga em segunda classe..... Um ovo por um real! E desde essa hora todo o paiz ficou sabendo que Manuel era um grande viajante de segunda classe.

Trata-se finalmente da nomeação dos deputados regeneradores, e o Christo, então inedito e hoje defuncto, do sr. Serpa nomeia Manuel deputado por Freixo de Espada-á-Cinta.

Manuel apparece na camara e pronuncia um discurso por tal fórma assombroso e theologico que *Diario de Noticias*, o inquebrantavel, o austero, assegura com a mão sobre a calva de Eduardo Coelho que depois de Mauuel d'Assumpção só—o diluvio. E desde esse dia toda a Europa, incluindo Freixo de Espada-á-Cinta, ficou sabendo que Manuel d'Assumpção era maior que Maximo, o alho, o Miguel.

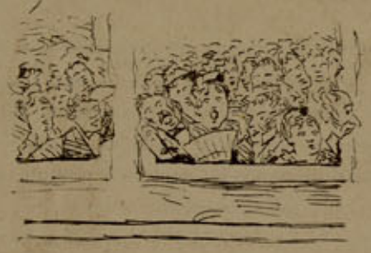
Manuel d'Assumpção teve como orador o grande merecimento revolucionario de acabar com os logares communs. Estafou-os por tal fórma, debilitou-os por tal arte que já não podem com uma figura de rethorica imponderavel. Estafou-os e desacreditou-os a tal ponto que a policia tomou conta d'elles, abriu-lhes matricula e só lhes consente que vivam na camara dos deputados, nos *Irmãos Unidos* e na redacção do *Diario de Noticias*. Consta que Manuel d'Assumpção vae ser nomeado inspector sanitario dos logares communs com réis 600$000 de ordenado, forragens e pulso livre. É uma escôlha acertada que honra a intelligencia do ex.^{mo} ministro do reino.

Manuel é depois de tudo isto um symbolo, uma synthese e uma hypothese, como deputado, como homem e como orador. Está n'elle toda a sociedade portugueza contemporanea. É uma especie de espelho espherico onde se reflecte em miniatura toda a paisagem circumstante.

Manuel d'Assumpção é Manuel Carta Constitucional, Manuel Camara-baixa, Manuel Casação, Manuel Pavorosa, Manuel Systema elei-

APRESENTAÇÃO DO NOVO MINISTERIO

EXTRACTO DA SESSÃO



Nas galerias gente como não ha exemplo

O ministerio, pela voz do sr. marquez d'Avila, declara que...

ama a liberdade

e as instituições

que vai promover os melhoramentos materiaes

equilibrar a fasenda

harmonisar a familia liberal

E mim o meu programma sou eu

Sampaio applaude

por elle não ser isto

Adhesão franca de todos os progressistas

Parabens á Carta!

e a elle!

As galerias estavam na mesma

toral, Manuel Casa de Penhores, Manuel Instrucção publica, Manuel Industria nacional, Manuel Jogo de fundos, Manuel Divida fluctuante, Manuel *Diario Illustrado*. O que se não comprehende, o que é unico e assombroso é que Manuel ainda não seja da Academia real das sciencias. As sciencias da real Academia estão reclamando Manuel. Que Manuel seja da Academia. Nem Manuel está perfeito sem a Acamia, nem a Academia está completa sem Manuel. A Academia é o livro, Manuel é o titulo, a Academia é a tenda, Manuel é o distico, a Academia é a casa, Manuel é o numero da porta. A Academia sem Manuel é pois um livro sem titulo, uma tenda sem distico, uma casa sem numero, e Manuel sem a academia um titulo sem livro, um distico sem tenda, um numero sem porta, quer dizer uma abstracção e uma hypothese.

JOÃO RUBIO.

CARICATURAS

Na egreja do convento das Therezinhas, em Coimbra, abriu-se succursal do céo no tocante a perdões e graças por intermedio d'uns pregadores gordos e sadios—bons exploradores da credulidade alheia.

D'um, que ha dias ouvimos lá, disse alguem:

Dou-te um figo de comadre,
E affirmo que não é pôdre,
Se me disseres se o padre
Que ora prega, ó Santa Madre!
É homem, ou pança ou ôdre.

O *Seculo*, semanario de propaganda scientifica, fez-se representar na procissão de Passos, em Coimbra, pelos seus illustrados redactores.

O facto poderia parecer natural e nada para extranhar-se, se s. ex.as, affirmando-se por aquelle modo catholicos convictos, não fossem contrariar assim as suas indoles como escriptores do *Seculo*.

Explicar aquelles será annullar estes e s. exª, devendo-se á mocidade que illustram escrevendo, não podem ser equivocos, não devem ser ambiguos.

Porém, se depondo as armas dos luctadores ardentes e vestindo o balandrau do catholico fervente, pretendem realisar n'um symbolo gracioso os esponsaes da sciencia e da fé, achamos engenhosa a idéa,—e a moralidade salva.

O *Pimpão* co'a infausta nova
'Steve quasi a ir a pique,
'Steve quasi a ir á cova
C'um chelique!

Onde estás ó Carlos Testa
Que não vês o teu *Pimpão?*
Que se affoga, que vae d'esta.
Com paixão!

Eu tenho dentro de mim
Uma enorme convulsão.
Se me acodes, ai *Pimpão!*
Se me foges, ai *pimpim!*

Na camara dos deputados, depois da apresentação do novo ministerio, debateu-se com notavel *entrain* a questão de saber-se quaes melhores direitos tinham a apoiar a actual situação: se regeneradores, se progressistas.

Tudo, já se vê, por amor do bem publico.

Não ficou o caso bem explicito. Creiam, porém os illustres arbitros que n'este assumpto a opinião do paiz que representam é que uns e outros, convencidos como estão de que o *nobre marquez* entrou no poder pela porta da fortuna publica, são, apoiando-o... mais patriotas.

Aquelle attento ouvidor,
Escutem, não é laracha,
Ou tem dividas na baixa,
Ou então quer ser doutor.

Costumes *Madrilenos*, por Magalhães Lima.

Lemos com soffreguidão este ultimo livro do phantasista auctor da *Senhora Viscondessa*.

Não desmerece dos anteriores e revella a mais uma acentuada vocação... para bom rapaz.

Braga desnalgou-se e deu-nos uma festa com aspecto medival.

O sr. Arcebispo Primaz fez a sua entrada ovante na austera capital do Minho, ao atroador estrondear dos sinos nas torres seculares, por entre ondas do povo que se atropelava para vel-o, de manto recamado de ouro e pedrarias, circundado d'um cabido nedio e lusidio como espelhos d'aço.

A alegria era enorme, e para que a todos chegasse, o opulento Arcebispo fez distribuir pelos pobres da sua diocese a avultada quantia de—noventa mil réis!

Que philantropia e que abbastada diocese aquella!

Noventa mil reis! O pão de muitas familias que, do seio da sua mal sabida miseria, lhe hão de cobrir de bençãos tão caridosas mãos!

Noventa mil reis! as ruidosas alegrias de muitas creanças famintas que lhe aprenderão o nome inolvidavel no futuro!

Que se registe o facto, que se louve muito até, mas que se não esqueça tambem que, no mesmo dia e quem sabe se á mesma hora, eu dei—quarenta reis a um mendigo.

VASCO ASCENSIO.

ERRATA

No numero anterior, pela rapidez da revisão, escaparam alguns erros que a natural capacidade dos nossos leitores deve ter emendado e desculpará de certo.

EXPEDIENTE

A **Vespa** publicar-se-ha semanalmente e com a regularidade compativel com os seus *habitos* e *instinctos*. Isto explicará sufficientemente qualquer irregularidade, de que a **Vespa** antecipadamente se desculpa.

A VESPA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Coimbra

Por mez.	200 réis
» tres mezes	600 »

Provincias

Por tres mezes	630 réis
» seis »	1$260 »
Numero avulso.	60 »

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao escriptorio da redacção em Coimbra — rua da Trindade, 72.

COIMBRA—Imprensa Academica.

A CAPOEIRA

GONÇALVES CRESPO

Duas cousas ha que realisam o impossivel metaphisico do sr. Alves de Sousa, logico.

Quadrar o circulo.

Biographar o poeta Crespo.

Um americano houve que se apresentou no observatorio de Cambridge com a resolução mathematica do primeiro d'estes impossiveis.

Constatou-se que estava doudo furioso, o que francamente nos não admira, posto que a sua qualidade de *americano* bastasse para o justificar de qualquer estado agudo de.... *descoberta*.

Ao segundo impossivel é que não ha americano que lhe metta dente!

Para biographar o Crespo de uma maneira completa, seria necessario em primeiro logar saber a sua idade.

Mas—*hoc opus, hic labor est!*

Quando nasceu? Que idade tem?

É um mysterio profundo, um mysterio insondavel!

Os americanos, os proprios americanos de Boston e da Philadelphia, localidades em que a sua ferocidade inventiva e descobridora toma as proporções delirantes da machina de costura Singer, do afiador Walcot e do esburgador de batatas Athney, esses mesmos têm recuado diante da resolução do tenebroso problema.

Que edade terá elle, Santo Deus?

Vá Crespinho, dize lá! Quantos...? Satisfaz-nos a curiosidade... Não diremos nada... Somos de segredo.... Quantos...?... Vá!

Mas elle, o melro, nada. Nem palavra.

Sorri machiavelicamente, muda cavillosamente de conversa e pássa arteiramente pela interrogação como cão por vinha vendimada. Crespo é, neste ponto, da discrição de uma dama que vai trintando.

O segredo dos annos não ha meio de lh'o arrancar.

Aquelles que o conhecem de ha muito, os seus proprios intimos não se atrevem a conjecturas; ignoram a sua idade exactamente como os amigos de Dumas, pae, desconheciam a do grande e adorado romancista da França.

Os que o conheceram desde pequeno, conheceram-o sempre assim; de fórma que, meninos de oito annos calculam que elle deve ter..... *dezaseis feitos* e os velhos conselheiros do Supremo Tribunal, os decanos da Universidade, o proprio doutor Callisto, velho, fazem-n'o.... octogenario.

No meio d'este embroglio de soluções subjectivas accode-nos ao espirito o velho Jehovah

do poema de Guerra Junqueiro, que

Quando nasceu já tinha aquella mesma idade

e ao attentarmos na negra cabelleira do vate lembramo-nos involuntariamente da Agua Circassiana.

Mas não, nada de calumnias! Crespo não pinta seu cabello.

A Agua Circassiana, o maravilhoso invento, a formula chimica da eterna mocidade, o composto privilegiado, unico adoptado e usado por todas as cabeças coroadas, sem exceptuar a do sr. Fontes e a do rei d'Araucania—duas realezas decahidas—não desceu ainda das altas regiões officiaes onde as suas propriedades mirificas a chamaram para felicidade dos povos até ao socegado remanso dos simples artistas.

Estes, quando pintam, pintam quadros; os cabellos—nunca.

Mas então que pensar do poeta que não pinta nem quadros, nem cabelleiras, e que atravessa as gerações sem brancas, sem rugas, invulneravel ás pequenas curiosidades chronologicas como se fosse o proprio auctor das Aguas Circassianas e dos Leites de Venus?

Pensa tudo quanto quizeres, phantasioso leitor, tudo litteralmente tudo; mas o mais simples, se te serve a companhia, é accreditar comigo que o Crespo não é homem. É o diabo.

O diabo!!!

O diabo sim. O diabo, embora lhe falte o nariz dantesco e o estylo sulphuroso do Junqueiro; embora elle saiba, quando muito bem o quer, fallar em linguagem terna e dôce a rouxinoes, a pombos e a muitas outras aves do convivio quotidiano do poeta Vidal; embora seja bacharel em Direito, tão bacharel como os mais bachareis e embora tu saibas, ó avisado leitor! as meigas fallas com que elle serenou em Vizeu na estalagem do Vianna— *botta carvão*—a colera do terrivel João Brandão, facinora jubilado e actual parceiro do *whist* de ss. ex.as os srs. governadores da provincia de Angola.

Assentemos portanto neste ponto:

O Crespo é o diabo e só o diabo.

Espirituoso e ironico como um diabo, o verdadeiro Satan; gracioso como um outro diabo — Mephistophles, aquelle que ensina ao velho dr. Fausto, chimico profundo, os requebros amorosos com que ha de seduzir a timida Margarida; engraçado e levado da breca como um terceiro diabo, o diabo Antonio de Pádua, que quebrava os cantaros ás raparigas e lh'os pagava com.... beijos: eis o retrato vivo de Antonio Candido Gonçalves Crespo.

Crespo possue effectivamente estas tres feições caracteristicas.

É espirituoso, é gracioso e é engraçado, o que é uma outra cousa.

Espirituoso muitas vezes, gracioso quando nisso cuida: é sempre engraçado.

E chama-se Candido, o bregeiro!

Querem um diabo mais completo? Encomendem-n'o.

* * *

E ahi tens explicado, ó leitor dos leitores, a razão porque a biographia de Gonçalves Crespo continua a constituir o impossivel metaphisico do sr. Alves, exemplar unico, onde se poderá talvez um dia—pela autopsia—verificar neste nosso paiz privilegiado a existencia do *grande mediador plastico de Mallebranche*; ahi tens, sem contestação possivel, o motivo porque me não faço agora biographo e me limito simplesmente a uma pequena apresentação d'este mysterioso personagem.

Leitor, ahi o tens—o poeta insigne das *Miniaturas*.

A *charge* é magnifica. Representa-o apparecendo em scena no 1.º acto das *Estravagancias do Bandarra* e agradecendo o enthusiastico acolhimento de uma platêa de rapazes.

É um *croquis* de mestre. Não escapou ao ao observador aquelle gesto, tão caracteristico do poeta, da mão arqueada sobre os labios,

gesto que passou a ser uma feição accentuada do seu rosto.

As *Extravagancias do Bandarra*, uma das mais completas tolices para rir, é talvez a ultima palavra da vida academica de Crespo.

Foi composta expressamente para a tradicional recita dos quintanistas de Direito, uma festa sempre cheia de sal e pimenta...

Auctores: *os dois irmãos siamezes*, diz o cartaz. Estes dois irmãos siamezes são simplesmente dois amigos, que, posso-t'o assegurar, não têm o minimo parentesco com o elephante branco do rei de Siam. Chamam-se—Gonçalves Crespo e Antonio de Mello; o que realmente basta para explicar o sal e a pimenta de toda a engraçadissima scena qne se passa em Lavarrabos.

Agora reparo, leitor, que te estou a fazer a apresentação do teu poeta dilecto no theatro.

É necessario que o conheças *chez soi*, aliás ficavas sem o conhecer.

Partamos para a Couraça de Lisboa. É lá que elle vive em casa das senhoras Seixas, respeitaveis e conhecidas *patrôas* de uma boa metade da actual jurisprudencia portugueza.

Mas antes, preciso contar-te a grande e inconsolavel magoa que tivemos, vai em dois annos, nós os amigos de Crespo, quando este effectuou uma pequena transferencia de habitação. Elle vivia antes no quarto que fica inferior ao que habita agora. Subia-se por uma escada de pedra, encostada á parede do edificio, e estava-se logo em casa. A porta do quarto dava para a rua e bem assim uma janella.

Quem passava, olhava, pois era de ha muito tradicional aquelle aposento e o seu habitante.

Os seus amigos sabiam sempre, que ali era a mansão por excellencia do cavaco e do riso.

Quando vim para Coimbra, já muitas gerações—parece—ali haviam passado. Era então a epoca de João Penha, Marçal Pacheco, Queiroz, Guerra Junqueiro, Luiz de Andrade, Bernardino Machado, Alberto Braga, etc.

O tiroteio era sempre vivo.

Quem tinha uma pontinha de espirito, de ironia, de *verve*, afiava-a para aquellas circumstancias, pois quem ali entrava não era nunca poupado.

O combate era geral. Os *botes* por vezes dolorosos, tinha-se convencionado que não fossem nunca considerados offensivos.

Uma vez vi eu Bento Moreno, o auctor da *Pathologia de uma Santa*, pathologia para a qual elle tem como medico, obrigação de dar num proximo volume a therapeutica,—sahir precipitadamente vociferando os mais violentos adjetivos.

O caso era comtudo simples.

Queiroz contára uma historia. Num certo ponto teve de referir-se a um magistrado seu parente e ao fazel-o accrescentou com certo desvanecimento e como num parenthese... «eu tenho um tio juiz».

Neste momento Crespo fez o seu gesto. Levou a mão aos labios e desfechou ingenuamente:
—De que irmandade?

Queiroz andou voluntariamente exilado durante tres dias.

Outra vez foi o proprio Crespo que embaçou com a promptidão de replica que caracterisou sempre Junqueiro.

Passou-se isto, ainda eu não conhecia estes rapazes, mas a tradição era fielmente conservada.

Guerra Junqueiro scismava ainda a esse tempo o D. João de Byron e não presumia sequer a grande revolução que estava destinado a fazer um dia nos D. Joões.

Era pubere de fresca data e lyrico consoante. Nuns versos dolentes, que composera, recontava a vida de um mancebo, filho das tristes hervas, que, apascentando uma cabrinha, vivia unica e exclusivamente de brisas, de luares, e creio que de alguma herva. Era feliz.

Arrancado um dia pela mão poderosa da fatalidade á sua solidão, é lançado á voragem abysmosa da cidade de Lisboa.

Então novos horisontes se lhe desvendam e

Gonçalves Vespa

inexperiente afunda-se no tremedal das vis paixões d'aquella Babilonia...

Perverte-se-lhe o paladar e faz-se assignante dos insidiosos *mènus* do Matta.

Faz côrte ás *cocottes*, consegue seduzir algumas e consegue muito mais ainda.

A sua vida torna-se mais e mais tenebrosa. Joga. Faz *micos* de tresentos e vinte mil réis! Está perdido! Sente-se miseravel, infeliz e pede para voltar para a terra.

Os versos foram apresentados, lidos e acolhidos com chufas ao caloiro.

Crespo declarou que nem tinham pés nem cabeça; que se o mancebo era effectivamente um filho das tristes hervas, não podia certamente jantar no Matta, nem seduzir *cocottes*, nem muito menos fazer *cercos* de trezentos e vinte mil réis, a não ser que fosse um refinado caloteiro.

Olharam todos para Junqueiro; julgavam vel-o sucumbido, cabisbaixo. Engano.

Elle com uma naturalidade imperturbavel... explicou:

O seu heroe tinha uma mesada de doze mil réis que lhe dava um tio padre!

Crespo está ainda de bôcca aberta.

Noutra occasião Guerra Junqueiro entrou coxeando e soltando gritos de pavão.

Um prego de uma das bottas estava-lhe traspassando as carnes.

Alberto Braga, um dos mais espirituosos conversadores e que tinha o *tic* da deducção, deduzio:

—«D'onde se deduz, disse elle, que é melhor ter as bottas no *prego* do que o prego nas bottas».

—Olha, filho, respondeu Junqueiro, embrulha o epigramma numa folha de couve e offerece-o ao Queiroz.

Era assim, leitor, a vida d'aquelle quarto em que Crespo primitivamente viveu.

A maior parte d'estes rapazes foram-se e, ha agora dois annos, Crespo effectuou a sua transferencia para o 1.º andar.

Não houve rogos de amigos que o dissuadissem, nem razões que o convencessem de que elle era já propriedade do quarto. Nada o demoveu.

Alguns amigos recusaram visital-o no seu novo aposento, e eu fui do numero.

Passamos a palestrar com elle da rua, ou da escada quando chovia.

Anno e meio duraram estas relações de *gargarejos*, até que um dia Crespo teve um stratagema para nos seduzir.

Fallou-nos numa grande obra de caridade que havia a fazer e na urgencia de nos reunirmos para esse fim em sua casa.

Hesitamos, mas realmente não podiamos sem desdouro faltar áquelle generoso apello. Fomos.

A grande obra de caridade consistia a final em subscrevermos todos para a acquisição do clarinete d'um velho emigrado, que ha seis ou sete annos tortura os ouvidos dos desgraçados habitantes d'esta terra com uma melopêa unica e invariavel.

Pensamos todos um instante em comprar o clarinete para com elle partirmos a cara ao insidioso bregeiro, mas acabamos por nos rirmos da burla que nos tinha feito.

Ainda assim, desde esse dia passei a considerar Gonçalves Crespo—o primeiro gajo do seu seculo.

A actual habitação de Crespo é um pequeno quarto com duas janellas, uma secretaria, uma estante, uma commoda e tres cadeiras. A cama fica numa alcova ao lado.

As paredes estão forradas de caricaturas, gravuras, versos impressos, etc., e de uma d'ellas sahe uma dobradiça alta onde Crespo lê e escreve de pé.

Livros, sempre muito bem cuidados, encontram-se por toda a parte. Ha-os de todos os auctores e quasi que me atrevo a dizer..... de todos os donos.

A propria commoda não escapou á invasão dos livros. Não se encontra lá outra cousa. O

que fez com que eu durante muito suppozesse que o Crespo guardava talvez as suas camizas.... na Bibliotheca.

Se algum dia entrares neste quarto, leitor, previno-te para que te não assustes.

No quarto de Crespo encontram-se as mais extranhas creaturas do mundo inteiro.

Emigrados de todas as nacionalidades, viuvas inconsolaveis, militares reformados, naufragos, aleijados de todos os feitios, banqueiros fallidos, facinoras, pelotiqueiros, principes viajando *incognito*, musicos ambulantes, domadores de féras com as respectivas féras, arabes, judeus, missionarios.... numa palavra o diabo.

No seu antigo quarto tive uma vez occasião de me encontrar com um arcebispo hespanhol.

Mo meio de tudo isto, Crespo passeia para um lado e outro da casa, os pés nuns vastos sapatos de lã, o corpo embrulhado num casacão d'avô, tiritando eternamente, quer de verão, quer de inverno, exactamente como se estivesse na Siberia.

* * *

E aqui tem, leitor amavel que me acompanhaste até aqui, o Crespo tal qual eu t'o sei pintar, para satisfazer ao gracioso pedido do redactor da *Vespa*.

Leitorasinha, minha querida leitora; eu bem sinto que v. ex.ª ficou amuada comigo. Contava que eu lhe dissesse o segredo d'aquelles versos que são o seu enlevo, que lhe dissesse a tinta com que elle os escreve, a penna como é, e como a toma elle entre os dedos quando escreve.

Tu, leitor, talvez fosses mais exigente. Abriste a *Vespa*, e calculaste que debaixo do nome de Gonçalves Crespo viria uma biographia completa, talvez até uma critica litteraria dos seus trabalhos.

Enganaram-se ambos—a leitora e o leitor, o que lhes ha de ter acontecido mais vezes.

PUNCH.

SECÇÃO LITTERARIA

ESPONSAES DE SATAN

DE NADAUD

Satan comsigo disse um dia:
Vou-me casar!
Do inferno a vida acabaria
Por me enfadar,
Mas da lua de mel ao cabo
Volverei a ser o diabo.

Satan, vaes ver
Que em manha te vence a mulher!

E co'a espada auri-brilhante
Tudo cortou:
Pontas e garras, o tratante
Nada deixou:
A cauda arranca e as azas:
E dos olhos extingue as brazas.

Satan, vaes ver
Que em manha te vence a mulher!

Casou! passa um anno: ao diabo
Nada mudara.
Tem baço o olhar: pello nem rabo
Lhe rebentára:
Do que cortou, pobre sandeu!
Só uma cousa renasceu.

Satan, já vês,
Mais fino do que ella não és.

P. M.

EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espaço tivemos de retirar duas secções d'este jornal. O interesse do assumpto bastará para desculpar-nos perante o leitor.

COIMBRA—Imprensa Academica.

CHRONICA DAS SACHRISTIAS — por L. Godinho

— Então! não quer fazer penitencia?

OU ROMA OU O PATRIARCHA

Contrasta singularmente com a relamboria linguagem de pobreza e humildade da ultima pastoral do sr. Cardeal Patriarcha a nova, altamente interessante, da creação d'um grande banco catholico em Roma, á ourella mesmo da cadeira de S. Pedro.

Tão importante facto, embora desacompanhado de explicações que se não farão tardar, revela para logo que o palavriado insonso do sr. Patriarcha é uma nada innocente armadilha aos que suppõem ainda que nos *carceres* do Vaticano se limpam consciencias do mesmo passo que se esburgam ossos.

Que a grande peregrinação a Roma se realise, mas que as graças e perdões, que d'ahi hão de promanar, as descontem em ouro para aquelles que, desfazendo-se do salario d'alguns dias, julgaram abastar ás exigencias espirituaes do culto do mais sublime mendigo e nunca ás especulativas combinações d'um papado commerciante.

Entretanto ou Roma ou o sr. Cardeal Patriarcha faltam á verdade aos seus fieis, e em transes semelhantes mentir é condemnar-se.

Comtudo que a *Nação* nos explique.

LÔAS AO MENINO

Ó infante suavissimo,
Ó meu amado petiz,
Vem p'ra espadella do barco
De que é patrão o Luiz.

Ó infante suavissimo,
Tu has de ser o arraes
Deste pangaio tão velho,
Velho a não poder ser mais.

Vem libertar nossas almas
Das grandes contribuições,
Que nos levam as costellas
P'ra costados de *pimpões!*

Aparta de nós o Serpa,
Este inimigo tão forte,
Que estão os generos caros,
Estão pela hora da morte.

Oh! vem querido menino,
Mas já, sem falta, bem vês
Que veio aqui p'ra subir
O teu Mendonça *cortez*.

Vinde, vinde já com pressa
Á lapinha de S. Bento,
Se quereis ver n'uma creança
Tamanho descaramento.

Tão pequenino e tão guicho,
Como este nunca se viu:
Inda mal tinha nascido,
Tres beijos á mãe pediu.

MAIORIA

Corramos, depressa,
Corramos, sim, sim,
Se lá nos não quer
Fazemos chimfrim.

REI PRÊTO

Aqui te trago infante,
P'ra livrar-te de pragas,
Um côco, symbolo puro,
Do Manél Pinheiro Chagas.
E tal qual é,
Este amulêto
É figa benta
Do teu Vaz Preto.

Acceita-o, mas dá-me em troca
Uma sequer esperança
De ter p'ra casa um comboio,
Inda que embarque na Chança.
Fazendo-me isto,
Serei bem franco,
Trarei em peso
Castello Branco.

REI ANSELMO

Aqui tendes, meu menino,
Primicias da capoeira,
Onde estão duas ninhadas
Qual d'ellas a mais matreira.

Se á mesa do orçamento
Te não fizer bom arroz,
Desculpa, mas o defeito
É só da pata que o pôz.

REI ANTONIO

Tudo quanto me ficou
Do governo da nação,
Aqui te dou, de presente,
Nos beliches do *Pimpão*.

Se queres *lojicos* medonhos
—(Vem de loja esta palavra)—
Que têm bellas repostadas,
Tolices de sua lavra:

Que nas baiucas da baixa
Só acham estylo rival:
E' só pedil-os por bôcca:
—Salta Pacheco Marçal.

Queres palavra que echôe,
Nos ventres d'um rabecão?
É meu, ou antes do Serpa,
O tal Manél d'Assumpção.

O MENINO—*Admirado*

O que! pois esse em que fallas,
É o Pacheco de Loulé?!
Isso então não é navio,
Isso é arca de Noé!

VASCO ASCENSIO.

PHOTOTYPIAS EM PROSA

III

ROSALINO CANDIDO

O genio, como a loucura, é uma doença, uma preversão do systema nervoso, uma excitação extraordinaria das funcções do

cerebro. Qualquer disposição particular na organisação da massa cerebral, desenvolvida depois pela educação, pelas circumstancias do meio social ou pelas influencias do meio geographico, pode dar Napoleão ou Miguel Maximo, Demosthenes ou Assumpção, Cicero ou Arrobas, Victor Hugo ou Vidal. O catholicismo teve um vago presentimento d'esta grande verdade phisiologica quando inventou a theoria da graça e da predestinação.

O homem põe, mas o cerebro dispõe.

A auctoridade catholica romana e os zeladores da ordem social gritam contra estes resultados da phisiologia experimental, mas gritam em balde como gritaram contra Galileu, contra Kepler, contra Bacon e como gritam ainda contra Lyell, contra Claudio Bernard, contra Littré e contra todas as verdades da sciencia moderna. O catholicismo grita todas as vezes que a sciencia folga; é uma especie de cão medroso e vagabundo que, em vendo um braço no ar a affirmar alguma verdade, pensa logo que é se para lhe atirar uma pedra...

Mas nós não estamos aqui para tratar dos nervos de S. Thomaz, mas dos de Rosalino Candido.

Rosalino seria um genio, se não fosse um louco sublime. O que elle não poderia ser nunca era um homem commum, um sujeito informe e incaracteristico, como Eduardo Coelho ou Cruz Coutinho. Falta-lhe o senso da vulgaridade, a aptidão burgueza, a oxidação do caracter, que constitue o talento especial de quem não tem talento nenhum.

Rosalino, se não fosse Rosalino, era talvez Michelet. De um ao outro ha a microscopica differença d'uma lesão imperceptivel talvez no grande sympathico, d'uma depressão nos lobulos opticos ou de alguns centigrammas de menos de massa parda.

Michelet tinha a profunda veneração indiana das grandes cousas da natureza, o alto lyrismo pantheista d'um poeta dos Vedas; Rosalino tem o fanatismo dos cabritos. Rosalino ama, estremece os cabritos como se elles lhe tivessem sahido das proprias entranhas! Chora se ouve gritar um cabrito, e apossam-se d'elle desesperos propheticos e coleras biblicas perante o espectaculo d'um cabrito atado pelas pernas e preso de cabeça para baixo ao albardão feroz d'um contratador cabriticida.

Michelet tinha arrobamentos ineffaveis e grandes expansões mysticas perante o aspecto das montanhas, das aguas e dos campos; Rosalino pisa a terra com cuidado para a não magoar; anda por sobre as pedras da calçada como por sobre um tapete da Persia ou por sobre um canteiro de flores, com a veneração religiosa d'um budhista, com medo de esmagar alguma formiga.

Rosalino tem a loucura da Justiça. Declara que o mundo se não endireita, mas que não esmorecerá na faina ingloriosa de endireitar o mundo! Todos os escandalos o irritam, todas as infamias o encolerisam. E depois fulmina-os, estonteia-os, e martyrisa-os com todos os seus adjectivos revolucionarios, com todos os seus adverbios garibaldinos, com todas as suas interjeições jacobinas e com todos os seus pontos de admiração tropicaes. Os pontos de admiração são como as faiscas da sua colera incendiaria, são verdadeiros cacêtes para os quaes appella sempre nas horas solemnes da sua indignação dantesca.

É uma das feições caracteristicas da intellectualidade de Rosalino é o amor lascivo que elle tem pelos pontos de admiração. Os pontos de admiração causam-lhe vertigens, produzem-lhe pesadelos. Aquellas formas esguias e penetrantes picam-lhe o cerebro, como se fossem alfinetes, fazem-lhe cocegas, irritam-no, dão-lhe os estremecimentos electricos d'um gato quando o afagamos na barriga. E chegando a esta excitação cerebral tem então goludices de adjectivação e de pontuação insaciaveis, epicuristas: gasta todos os adjectivos dos diccionarios e todos os pontos de admiração de uma typographia. É com elles que esfaqueia os adver-

A ADORAÇÃO

rarios, que apunhala os torpes, que perfura os devassos, que assassina os marotos, despejando-lh'os em cima como uma chuva de espetos.

É n'esses momentos que Rosalino se torna verdadeiramente grande e phantastico. A sua figura transcendente e fina, de barba hirta e rara, toma, no meio d'aquelles pontos de admiração, os ares olympicos d'um satyro bregeiro espreitando d'um bosque de eucalyptus esguios as pernas idéaes d'uma nympha descuidada. Até o seu chapeu, amarrotado e velho, parece ter, nesses momentos, as fulgurações d'uma aureola.

Rosalino tem a sublime loucura da dignidade pessoal levada até ás transcendencias do mais intransigente stoicismo. Fuma folhas seccas de silva, mas não pede e nem mesmo acceita um cigarro a um amigo. Será capaz de morrer de fome á mesa de um jantar que lhe não pertença. Mette pedras nos bolsos do casaco para que lhe sirva de cobertor, mas não mendiga um agasalho. É admiravel e seria unico, se não existisse Carqueja, o stoico. Ha só uma cousa que Rosalino acceita, é uma assignatura para o seu jornal a *Luz da Razão*, um prodigio de pontos de admiração e um bello compendio de psychologia experimental. A *Luz da Razão*, como tudo o que escreve Rosalino, é a primeira obra d'este seculo em originalidade. A gente ao lêl-a sente-se transportado para o reino das chimeras, para o mundo phantastico das grandes allucinações febris. Os substantivos tem esgares de satyros embriagados; os adjectivos cheiram a enxofre; os verbos tem as scintillações metalicas do chumbo derretido; as interjeições vem embrulhadas num lençol, trazem dentes de cebola e fallam na voz soturna, arrancada e mysteriosa das almas do outro mundo; os adverbios apresentam-se com aquelle aspecto lendario, nocturno e vago das apparições transparentes dos poemas ossianicos; os pontos de admiração parecem um pandemonium de esqueletos dançando um *can-can* phantastico com os pontos de interrogação, que semelham uma turba de *cocottes* cadavericas e syphiliticas sahindo por horas mortas da noite em fralda de camisa das enfermarias mal allumiadas d'um hospital de Braga. Só o talento apocalyptico de Rosalino chega a estas allucinações da arte. É extraordinario e assombroso. Ha, porém, um desgosto na vida de Rosalino, uma sombra nesta gloria, é a concorrencia que lhe faz Jayme José Ribeiro de Carvalho, outro sublime.

JOÃO RUBIO.

SECÇÃO LITTERARIA

Tu tens dôce alvura transparente,
A candidez d'um raio de luar,
Tens os philtros d'um sonho do oriente,
No dôce lago azul do teu olhar.

Es bella, es idéal... se eu fôra o ar
Que te circumda tremulo, indifferente,
Cingira-me ao teu corpo doudamente
Nas convulsões electricas do mar.

Ouvindo o som magnetico e divino,
Da tua voz esplendidos harpejos,
Que eu escuto ancioso, louco, purpurino:

Como se fôra um bando de meus bejos,
Pousar-se no teu collo alabastrino.

.....

Oh! convulsões d'amor? oh! meus desejos?

GILBERTO.

Não desdiz da indole do nosso jornal a lithographia da ultima pagina. A *Vespa* não é essencialmente um hebdomadario de caricaturas mais ou menas piccarescas: a arte, em qualquer das suas manifestações, tem aqui um logar de ha muito reservado.

Esta ligeira expliçação servirá de abonar-nos perante quem nos achacar de falseadores do nosso programma, ao tornarmos conhecida

o admiravel escultura de Soares dos Reis, reproduzida aqui pelo talentoso lapis de Custodio da Rocha.

Agradecendo a obsequiosidade d'este cavalheiro, ficamos na dolorosa situação de quem gosta—mas acha pouco.

CARICATURAS

Leêmol-o com prazer. O livro do nosso amigo Magalhães Lima, tem tido um concurso extraordinario—*(Diario da manhã.)*

Congratulamo-nos com o seu auctor, a quem, ao que parece, o publico leêdor vae fazendo inteira justiça ás suas excellentes qualidades... para chefe de familia.

É não esmorecer na faina.

ESBOÇO D'UM QUADRO

Ramalho Ortigão Minerva,
Na praia da Cruz Quebrada,
Sacrifica a patria amada,
Faminta de ensino e herva,
A providente reserva,
Da sua têta apojada.

Embala-a, todo carinhos,
Todo affeição maternal,
Á sombra d'um parreiral.
Vêem-se ao longe uns moinhos,
Bandos de rolas no ar,
Fugindo aos hymnos do mar...

Barros and Cunha não dá explicações. E se o apertamos muito talvez nos fusile. Aquella declaração em pleno parlamento, quando não accuse uma insolente hombridade como homem, é um symptoma que não póde passar desapercebido n'aquelle que um bamburrio constitucional collocou á altura do cargo que occupa hoje.

E se nos é dado entrar na ordem de idéas que tão lido ministro se esforça de realisar, poderemos inferir talvez que o seu programma é este:

—Abaixo os desperdicios, a immoralidade, a corrupção, a côrte e o sr. João Felix.

EXPEDIENTE

Tomamos a liberdade de enviar com este numero, aos nossos assignantes da provincia, o recibo do proximo trimestre das suas assignaturas.

Agradecendo o acolhimento lisongeiro que tem feito ao nosso jornal, solicitamos o distincto favor de nos remetter em estampilhas ou vales do correio o importe do seu debito.

A VESPA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADAMENTE)

Em Coimbra

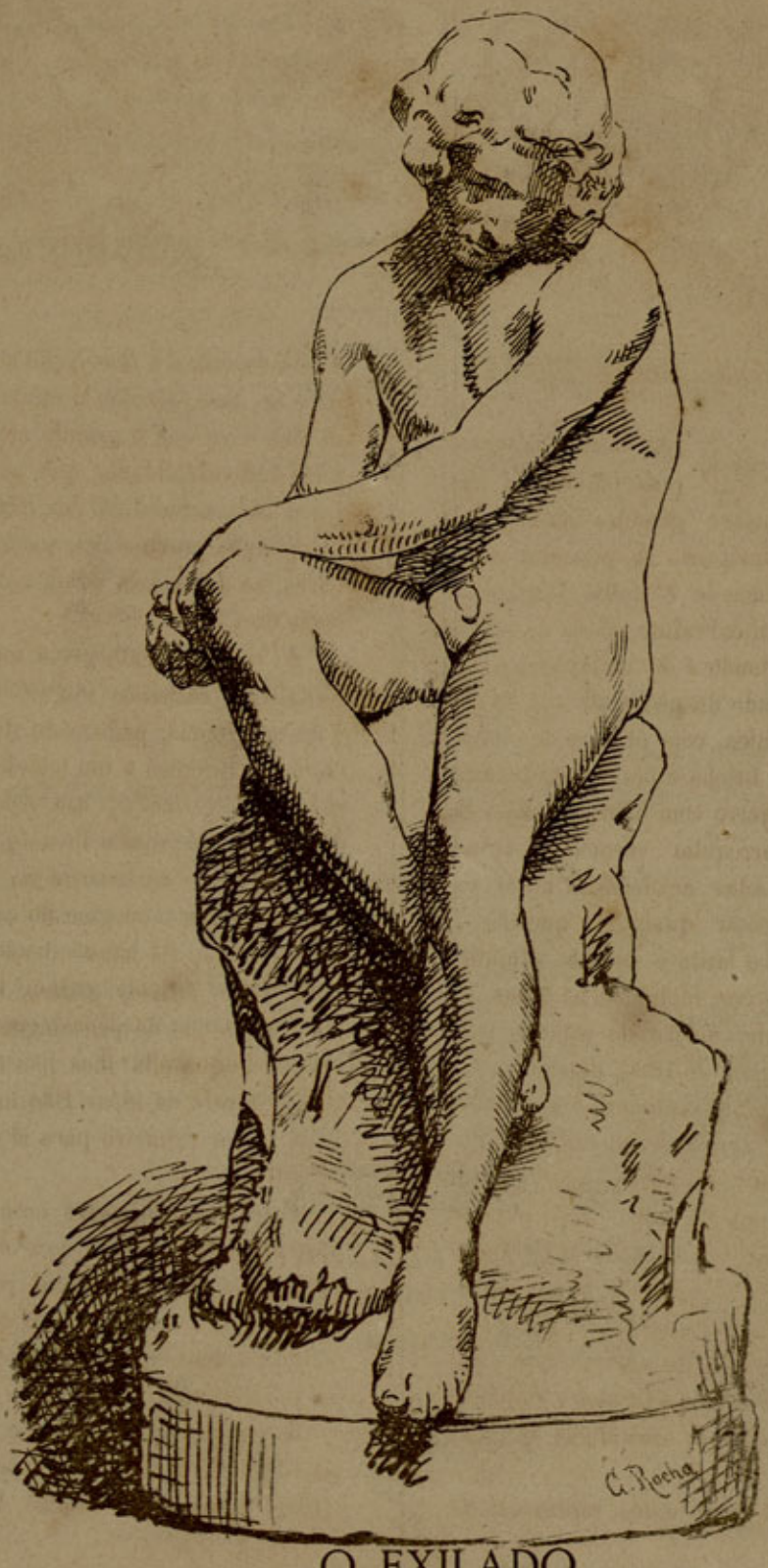
Por mez	200 réis
» tres mezes	600 »

Provincias

Por tres mezes	630 réis
» seis »	1$260 »
Numero avulso	60 »

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao escriptorio da redacção em Coimbra — rua da Trindade, 72.

COIMBRA—Imprensa Academica.



O EXILADO

Esculptura de Soares dos Reis—desenho de C. Rocha.

JORNALISMO PORTUGUEZ

O jornalismo portuguez póde dividir-se em quatro grandes cathegorias principaes. A primeira comprehende o velho jornalismo anti-cabralino, cheio de estylo redondo e de metaphysica da edade da pedra lascada da polemica, com phrases de casaco de briche e orações de bota de bezerro com enormes canos de marroquim vermelho; toma pitadas academicas antes de encetar qualquer questão e sabe latim e codigo administrativo, incluindo as notas. E' a incarnação do espirito portuguez de 1820, patriotico, jacubino, sentimental e grosseiro, apanhado na sua mais genuina expressão. Escreve com penna de pato, tem phrases obscenas na conversação familiar, considera a Besta Esfolada um modelo de polemica, sabe anecdotas de frades, fez acrosticos no seu tempo e diz que o *Eurico* é o primeiro romance do mundo, posto que leia ás escondidas as obras de Paulo de Kock.

O genuino e já quasi unico representante d'esta especie é a *Revolução de Setembro*, quando o sr. Sampaio não é ministro. A *Revolução de Setembro* tem o grande merecimento d'uma forte individualidade, que se destaca entre a turba incaracteristica dos outros jornaes como um pimpão provinciano, tonante e varredor de feiras, se destacaria numa roda de janotas imbecis do Chiado.

A segunda cathegoria ou especie é a do jornalismo catholico miguelista, cheio de rapé e de ignorancia, padecendo da gota, tendo um catharro chronico e um lobinho na testa. Assoa-se a lenço vermelho, usa caixa de prata, solidéo de retroz preto e luvas de casemira no inverno e de fio de Escocia no verão. Tem o merecimento paleontologico do esqueleto d'um urso das cavernas. Se não soubesse latim não sabia nada. Estes jornaes gritam todos os dias contra a liberdade de pensamento, pela convicção intima de que ella lhes não serve para nada, pela ausencia de idéas. São inconsequentes: deviam tomar primeiro para si o que pedem para os outros.

Este jornalismo vive numa certa prosperidade relativa, que lhe provem indirectamente do nosso systema eleitoral por intermedio do clero, cujo é orgão, o qual clero é o sustentaculo da ordem—de concorrencia com a tropa—da religião e dos votos.

A terceira cathegoria é a do jornalismo sério, incolôr, unctuoso, incaracteristico, circumspecto, prudente e idiota. E' este o genero

mais abundante, o que indica representar com mais fidelidade a feição dominante da sociedade portugueza. Este jornalismo é catholico-liberal, philosophico-auctoritario, ludovico-miguelino, avilo-progressista-regeneratorio-constituinte.

Tem sobre todas as questões uma opinião duvidosa e fluctuante; não gosta das situações extremas nem das posições definidas, porque todo o seu talento, toda a sua diplomacia, toda a sua finura commercial consiste em fallar de tudo sem ter uma idéa, sem avançar uma opinião ácerca de cousa nenhuma. Diz a tudo hesitantemente que sim, ou duvidosamente que não, segundo o estado de espirito provavel da maioria dos seus assignantes; não guia a opinião, é guiado por ella; não a illustra, explora-a. E' uma especie de jogo de *par ou pernão* entre a opinião publica e o jornalismo chamado sério. O assignante tem a mão fechada deante do jornal e pergunta-lhe se é *par* ou *pernão*, ameaçando-o com a perda da assignatura se não advinhar. O jornal olha-lhe para a mão, para a cara, para os olhos, medita, hesita e diz... «é *par*... *se não fôr pernão*». A opinião publica acha sublime, e de talento e de sciencia a resposta, e não retira a assignatura. Este jornalismo usa sempre chapeu alto, casaco de cinta, roupas pretas e bengala de castão. Nunca vestiu camisa de chita e tem uns ares circumspectos e ecclesiasticos de quem vem d'um enterro ou vae para uma reunião na Associação Commercial. Estuda o diccionario de Cocquelin e medita o *Genio do Christianismo*. Finalmente é eclectico, e diz que a republica é muito boa em theoria mas pessima na pratica. Tem finalmente ácerca de religião a seguinte opinião pittoresca—de que é um *freio* necessario para o povo.... que vem a ser o burro, tendo por albardão o clero e por estribos de pau o mesmo jornalismo. Tem ás vezes d'estes traços de espirito inconscientes, este jornalismo, que ordinariamente é semsabor e genialmente imbecil.

A quarta especie, finalmente, é a do jornalismo intelligente e com senso commum. E' tão pouco numerosa esta especie, que ainda não podemos estudar-lhe os caracteres que a definem, pela rariedade dos individuos que a compõem.

PHOTOTYPIAS EM PROSA

IV

COMPADRE TAVARES

Póde dizer-se do compadre Tavares o que Voltaire disse de Deus: Se não existisse era preciso invental-o.

Se a sociedade portugueza contemporanea desapparecesse num grande cataclismo geologico, e ficasse sómente o compadre Tavares, bastaria elle para os estudiosos poderem determinar os principaes caracteres da vida portugueza actual, o nosso regimen politico e economico, o nosso presente e o nosso passado, as nossas aspirações, a nossa vida publica e privada, a nossa philosophia, a nossa religião, a nossa sciencia e a nossa litteratura, principalmente a nossa litteratura. Compadre Tavares é com effeito, e essencialmente, um producto litterario. Tem a compostura do *Diario de Noticias*, o constitucionalismo do *Diario Illustrado*, os arrobamentos lyricos do sr. Vidal, o enthusiasmo patriotico do sr. Assumpção, a eloquencia do sr. Arrobas, o talento dramatico do sr. Biester e a critica litteraria do sr. Christovão de Sá. Foi a litteratura portugueza que o fez á sua imagem e semelhança, como a sua obra mais perfeita. É por isso que o compadre Tavares tem o alto valor scientifico d'uma synthese historica completa, insusceptivel de augmento ou diminnição. Tratado pelo calculo, designando por C compadre Tavares, por P probidade e por S sociedade portugueza e fazendo as competentes reducções e eliminações, vem:

$$C + P = S \ldots\ldots (1)$$

equação do primeiro grau a uma só incognita, que é P. Mas pela equação (1)

$$P = S - C \ldots\ldots (2)$$

logo $$C = S - P \ldots\ldots (3)$$

Substituindo na equação (1) as lettras pelos seus respectivos valores temos que

Compadre Tavares + Probidade = Sociedade portugueza: e na (2) vem

Probidade = Sociedade portugueza — Compadre Tavares; e a (3) finalmente dá

Compadre Tavares = Sociedade portugueza — Probidade.

Se fizermos de C e S duas variaveis dependentes, e de P uma constante, qualquer das tres equações é a de uma recta que passa a uma distancia P, contada no eixo dos Y. Ora sendo P uma quantidade insignificante (veja-se Carta Constitucional art. 6.º e 142.º, artigos do fundo do *Diario Illustrado* e politica do marquez d'Avila) podemos desprezal-a como não influindo no resultado do calculo, e então temos:

$$C = S \text{ e } C - S = 0 \ldots\ldots (4)$$

quer dizer:

Compadre Tavares = Sociedade portugueza

e

Compadre Tavares — Sociedade portugueza = 0

equação d'uma recta que passa pela origem das ordenadas, contada para a esquerda do eixo dos Y, pois que S é negativo.

Interpetrando estes resultados da analyse vemos pela equação (2) que o compadre Tavares é igual á Sociedade portugueza, menos a probidade, e ainda pela equação (4), desprezando a probidade como uma quantidade insignificante, comparada com a grandeza da Sociedade portugueza e do compadre Tavares, que compadre Tavares é igual á sociedade portugueza, sem erro sensivel de calculo. Da equação (4) deduz-se ainda que o compadre Tavares menos a Sociedade portugueza é igual a zero, quer dizer um sem o outro eram nada.

Ora sendo zero ou nada o limite inferior das quantidades positivas e o limite superior das quantidades negativas, e sendo, além d'isso, pela segunda das equações (4), a Sociedade portugueza uma quantidade negativa ou menos que zero, segue-se que compadre Tavares é uma quantidade positiva e igual em valor absoluto a Sociedade portugueza.

Submettido á analyse chimica, compadre Tavares dá a *Tavarina*, que é um principio organico immediato caracteristico da fermentação putrida da Sociedade portugueza, e cuja composição atomica é

$$E^{12}\ D^{16} + S^{4}\ C^{30}$$

designando
E espionagem
D descaramento
S systema constitucional
C corrupção politica.

As principaes propriedades chimicas d'este composto são: combina-se facilmente com todos os ministerios, mas mais particularmente com o ministerio regenerador, é muito avido do dinheiro da policia, decompõe facilmente a imprensa com grande desenvolvimento de gazes improprios para a respiração, e ataca energicamente todos os estymolos da probidade. As suas principaes propriedades physicas são as seguintes: Tem o cabello d'um louro terreo e repugnante, é vesgo dos olhos, onde transluz a satisfação da propria baixeza, estatura mediana, hombros largos e modos de velhaco manhoso. As principaes applicações d'este composto na

PHYSIONOMIA DO JORNALISMO PORTUGUEZ

A "REVOLUÇÃO DE SETEMBRO"

industria são: Escreve nos jornaes assalariados, mede as convicções pelo salario, é socio do todas as conspirações theatraes, emprezario de todas as pretensões escandalosas e empregado na alfandega de Lisboa, tendo a seu cargo a *fiscalisação* interna. Como a esponja de platina, este composto tem propriedades catalyticas muito energicas; mas como taes propriedades são um exclusivo industrial explorado pelo proprio compadre Tavares, abstemo-nos por pudor de as relatar.

JOÃO RUBIO.

SECÇÃO LITTERARIA

Por circumstancias, que deseecessario se torna enumerar aqui, não podémos em epocha mais opportuna dar publicidade aos versos que se seguem, e que foram feitos na occasião das recitas dadas pelos estudantes do 5.º anno de Direito. São uns versos de despedida que deviam ser apresentados durante uma d'aquellas recitas, e que por doença d'aquelle que os escrevêra não poderam saír a lume.

Eil-os que seguem:

Adeus, ó mocidade, ó branca flôr da giesta,
Vós que ides largar em breve estas paragens,
E que levaes talvez as lividas imagens
Do Codigo Civil gravadas sobre a testa;
Oh! dae-me o vosso adeus, ó branca flôr da giesta.

E como vós ireis tristonhos, solitarios,
Ao deixar para sempre a *cabra*, o Galião,
A magica sebenta, o Junior Paixão,
E muita cousa boa e tantos casos varios,
Que vós ides deixar tristonhos, solitarios.

Assim largaes Coimbra e a tasca das Camellas,
A vossa capa velha e os sabios verdiaes;
E em noites de calor não volvereis jamais,
Á luz crepuscular das pallidas estrellas,
A entornar um litro á tasca das Camellas.

E como vós deixaes á dor acorrentados
O lyrico Ferraz e o mestre Rosalino!...
E creio hão de chorar o Bolson e o Paulino,
O Emydio sapateiro, a prima e os cunhados,
O prego do Matheus, a lua, o sol e os prados.

Porém tudo isto fica, e vós ides marchar,
Idéa aterradora, ó sorte desgraçada!
Levae ao menos vós o Bolson da Calçada,
Prendei-o por lá bem, não m'o deixeis voltar,
Senão transforma em juro a terra e Deus e o mar.

E tu, ó grande Crespo, ó lyrio desbotado,
Tu que és nobre e bom e muito cavalheiro,
Leva o Paulino, leva e prende-o a um coqueiro
Das terras do Brazil... emquanto que eu coitado!
Cá fico a lamentar-te, ó lyrio desbotado.

EX.MA SR.A D. IMPRENSA PERIODICA

Lisboa.

Embora não seja v. ex.ª, minha illustre senhora, dos membros de mais avançada edade da preclara familia das instituições d'este insignificante extremo da Europa, que pacificamente habitamos, não permitte a sizudez e compostura de v. ex.ª que, apezar da differença do nosso sexo, ousêmos dirigir-lhe o mais innocente e inoffensivo galanteio.

Quer dizer, nobre senhora, que não é isto, que escrevemos, uma missiva d'amores, mas uma carta séria como v. ex.ª, ditada por um profundo respeito, digno de v. ex.ª e de nós.

V. ex.ª, senhora minha, que deve conhecer perfeitamente o seu caracter e a sua missão, educada nos bons principios de liberdade e igualdade, cujas maximas tantas vezes, e, talvez sinceramente, tem apregoado—note v. ex.ª que nos não dirigimos á *Nação* e mais familia,—não deve ignorar que todos temos iguaes direitos, que todos, no seu modo de ser, merecem igual consideração, e que v. ex.ª, como habita a capital, não é mais do que nós, humildes provincianos.

Ora tudo isto e muito mais, que v. ex.ª em hypothese devia não ignorar, desconhece-o de facto, ou pelo menos, finge desconhecel-o.

Em qualquer dos casos é v. ex.ª positivamente ou ignorante ou hypocrita. Como quer que seja, não lhe damos os parabens.

Ainda assim, attenta a provada sabedoria de v. ex.ª, fazemos-lhe o favor de crer que seja dotada d'aquella ultima *bella* qualidade, a não ser o—que de modo algum podemos imaginar—que v. ex.ª, conterranea do auctor João Felix, que se faz pagar dois exemplares por annuncio, e que, portanto tem livros baratos, seja..... nenos delicada.

* * *

Estas considerações nascem do proceder de v. ex.ª para comnosco.

Expliquemo-nos.

Ha pouco mais de um mez que nesta boa terra, que os poetas, em completa opposição com a camara municipal, tem divinisado, levantou vôo esta pobre *Vespa*, por intermedio da qual fallamos a v. ex.ª

Ora a *Vespa*, minha senhora que não pretende ser séria como v. ex.ª, que deseja sómente, quando não entreter os outros, entreter-se a si, que não é compatriota de João Felix, nem arranja livros em conta, foi com toda a delicadeza d'uma primeira visita — apresentar-se a v. ex.ª

Apresentando-se tal qual é, e sem pretensões, esperava melhor acolhimento, o que v. ex.ª manifestaria pagando as visitas que delicadamente lhe faziam.

Os luxos de v. ex.ª não se amarrotariam entrando em a nossa sala, e a viagem, ex.ma sr.ª, pagava-a com a modica quantia de dois reis e meio, graças á ultima tabella.

V. ex.ª procedeu de modo contrario; deixou-se ficar commodamente em sua casa—e nós esperámos embalde pela sua honrosa visita.

Não lhe louvamos a acção.

Mentiriamos se nos mostrassemos satisfeitos; não por nós, que cá iremos vivendo sem v. ex.ª, como Deus fôr servido, mas por v. ex.ª em quem desejamos maior delicadeza.

Deixe-nos v. ex.ª dizer, com um gordo poeta seu compatriota tambem, que fez as dilicias de nossos avós, e cujas endêxas mereceram a honra de serem garganteadas com acompanhamento de manicordio:

minha Julia, eu não sou velho
mas posso dar-te um conselho...

Sr.ª D. Imprensa da capital — eu sou um rapaz que não desgosta de rir, v. ex.ª uma dona com edade bastante para ter juizo e cuja seriedade nem as cocegas podem já agora perturbar; no entanto ouso pedir-lhe que me escute o seguinte conselho em poucas palavras:

Menos pretensões e mais João Felix.

Creado de v. ex.ª

GIL FUSTOTE.

A VESPA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADAMENTE)

Em Coimbra

Por mez.	200 réis
» tres mezes	600 »

Provincias

Por tres mezes	630 réis
» seis »	1$260 »
Numero avulso.	60 »

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao escriptorio da redacção em Coimbra — rua da Trindade, 72.

COIMBRA—Imprensa Academica.

COISAS DE COIMBRA

AS CARTAS - ANNUNCIOS

Pelo festa da Paschoa — Um pae de familia, para se livrar de despesas, vem esperar o carteiro e o annuncio — — QUINQUILHÉRIA —

— Uma carta, minha senhora. — Isso é engano; eu não assigno folhas ... mas... falariam de mim 'nas gazetas?! —

Mais um capricho da minha Ella... Annuncios! já não taio...

— Então não lês esta carta, que te manda o teu amigo de Coimbra? —
— Espera... deixa-me ler primeiro este DIARIO DE NOTICIAS... —

Os envelopes-annuncios seduzem tudo sem distinção de sexo ou edade

Até alguns negociantes de baixa quizeram fazer commercio com o portentoso INVENTO.

Em todo o caso foi um progresso 'nos dominios da Economia,

— I julgamos nós

HISTORIA SIMPLES

A *Atalaia*, folha religiosa e polemica de Vizeu, desembestou sobre nós duas facecias de sua piedosa lavra, porque ousámos descrer ou vacillar entre as affirmativas endinheiradas de Semioni e as palavras equivocas do sr. Patriarcha.

Ia sendo uma inundação.

A *Vespa* com mais cortezia e menos agoa benta envia-lhe em troca a narrativa que segue:

Ia uma vez por uma estrada rasgada um caminheiro. Entregue á intima elaboração da sua consciencia, seguia tão descuidado e absorto o bom do homem que não deu tento d'um velho cão anguloso, magro, d'olhar embaciado e vesgo que á beira do caminho lhe espreitava os movimentos desconnexos, deseguaes como de quem vae sem rumo, concentrado apenas na idéa que o domina.

Trilhara-lhe a cauda, e, de doído, o velho dogue arregaça os beiços e por entre a dentadura amarella e gasta rosnou na sua impotente raiva.

Estava tropego.

O viageiro com mão piedosa atirou-lhe um osso, e seguiu emquanto o cão, tomando-o entre as patas, o ia esburgando silenciosamente.

De subito irrompe numa volta caiçando um pequeno cão pelludo, revendo lazeira nos ossos salientes.

Do focinho impendem-lhe phantasticamente stalactites do lixo, d'onde viera de esfoçar em cata d'alimento.

Vinha miseravel a pilharenga besta.

Acerca-se do viajante, e num impeto de faminta ferocidade investe com elle e morde-o nas botas.

O paciente homem levantou irado a bengalla para bater-lhe, mas ao vel-o repugnante, esfomeado, cheio de miseria, apiedou-se e seguiu dizendo para si:

—Para outra vez trarei mais ossos — ou sequer strichnina.

VASCO ASCENSIO.

AO POVO REPUBLICANO

O *Povo republicano*
É um esgoto, é um cano
De tolices!
Nem as peixeiras na praça,
Ninguem diz co'aquella graça
Taes sandices!

O mesmo Thomé de Diu
Confessa que nunca ouviu
Tal chalaça!
E só tem, emquanto a mim,
O Sampaio—em latim
Tanta graça.

E posto a fallar do rei?!
Diz cousas que até nem sei
D'onde as soube!
Eguaes a elle em facecia,
Eu penso que até na Grecia
Nunca os houve!

Comtudo, *povo*, eu receio
Que á graça te ponham freio.
Tu bem vês
Que não tem havido escolha
De bôccas para a tal rolha
do Marquez.

TYPOS DAS SALAS

O BARÃO COTILLON DE LA REGALIÈRE

A nossa sociedade elegante, a nossa *alta vida* — como escreve agora o nosso mais moderno folhetinista, que é tambem o nosso mais completo e mais bello espirito de mulher, —livrando-se pela traducção do cunho eminentemente burguez que lhe assignalou o *nosso Illustrado*, foi um dia surprehendida no imo do seu *chic*.

O sr. de la Regalière — um curioso de elegancia, tomara posse da direcção do *cotillon*.

E de tal modo o fez que, ha dois annos, vemos constantemente nas chronicas das salas, nas descripções de quanta *soirée* Lisboa gera no seu seio opulento de fausto e de habitos do mundo, o nome de s. ex.ª — o bom e gordo barão—adiante da ritual phrase: o *cotillon* foi marcado pelo sr. .....

* * *

A *Vespa* não vai a bailes. Não tem ahi logar. Todavia por tantas e tão repetidas vezes temos lido o titulo euphonico e bem conhecido do celebrado *cotillonneur*, que resolvemos — a todo o custo!—vel-o, seguil-o, conhecel-o, mordel-o.

Se molestarmos aquelle que tem neste momento as redeas do *sturm-galop* lisbonense, que s. ex.ª nos perdoe, attente a que, a critica, ainda mesmo nas suas mais justas severidades, deixa sempre atraz de si um rasto de notabilidade.

E por notavel temos o homem que, a nosso vêr, póde ser considerado como que a synthese da sociedade portugueza. Da sociedade que o adora, que o chama, que o soffre, que lhe entrega a conducção da dança a mais graciosa, mais finamente imaginada, de maneira a pode ser o fecho espirituoso d'uma noite bellament passada nos esplendores d'um baile, concentrando maliciosamente as mais subtis observações que o espirito do conductor pôde ver, e que deve ter a habilidade de mostrar levemente, com delicadeza velhaca sim, mas com respeitosa ceremonia. Da dança que deixa, outras vezes, á sorte o capricho da escolha fatal dos pares, que leva a namorada querida ao rival odiado, que entrega a mais gentil das elegantes ao peior dos valsistas, de modo a contentar as bellas invejosas pelo espectaculo do sacrificio d'aquella que é — *d'um mau genero detestavel*, no dizer despeitado. Da dança, emfim, que tendo a correcta gentileza das salas, e de que — *est inutile de dire que dans ses choix le cœur a autant de part que les jambes*, tem tambem o ridiculo dos seus fatos de *pierrot*, dos seus *bonnets* caricatos, das suas mascaras horrendas e ordinarias, que dão na vertigem da valsa, vestindo de papel aquelle mundo perfumado e bello, o caracter da insignificancia de todo o viver vão, e que bem póde ter esta significa-

ção: basta, vão dormir e antes de cá voltarem sejam serios, façam alguma cousa de util.

* * *

Quem estudar, pois, o barão na sua corpulencia tão singelamente sympathica, na sua petulancia tão caracteristicamente burgueza, na sua commenda de Christo tão symptomatica, na sua farda de addido portuguez — uma especialidade em diplomacia—, nas suas conversas no *Magalhães*, nos seus encontros escusos, e sabe o *Lauro Regio* da sua Cintra, tem estudado a sociedade elegante da *cidade de marmore*, que já lhe consagrou a phrase: ao menos tem geito para aquillo.

* * *

As mimicas do *cotillon*, escondendo numa apparencia frivola e pueril complicadas comedias aristocraticas, deram a esta dança um caracter essencialmente proprio e difficultaram a tal ponto a sua direcção, que d'ella se tem dito na França—onde a sua evolução se deu desde o seu apparecimento pittorescamente campesino nas provincias, ha longo tempo, até á sua especialisação galante nas vastas salas das *Tuilleries*—que é mais facil substituir um ministro que *un bon cotillonneur*.

Debaixo d'este ponto de vista, achamos bem, pela coherencia, que Regalière exhiba a sua distincção nas salas, quando na regencia dos negocios publicos os Palmellas são substituidos pelos Rilvas; os Mousinhos, os Terceiras, os Passos, pelos Fontes, pelos Avelinos, pelos Barjonas; José Estevão pelo sr. Manuel d'Assumpção, e todos, finalmente, pelo conselheiro Arrobas.

* * *

Desde que o poder d'este homem se consolidou de vez, no viver da nossa côrte formou-se o seguinte e caracteristico triangulo:

Ferrari, ás tres horas da tarde para principiar a ceia.

Macario, ás nove da noite para principiar as danças.

Regalière, depois da duas da manhã, para marcar o *cotillon*.

No fim da *soirée* trocam-se ao buffete parabens reciprocos.

—Bem, Ferrari. Está tudo bem feito e bonito, digo-lh'o eu.

—Oh! isso dito por v. ex.ª é uma honra!

—Ó Macario você é incansavel, ande lá que eu hoje demorei as marcas, hein?!

—Basta vel-o a valsar para a gente estar contente a tocar.

* * *

Este anno, na estação em Cintra, ao mesmo tempo que um rapaz da sociedade abandonava a fragancia d'aquelle ar fresquissimo, o copado d'aquellas arvores formosas e a vista friamente aspera das suas penedias immensamente graciosas, por não poder com o *governo* d'este selvagem na convivencia agradavel d'um tão delicioso campo, um diplomata recentemente chegado do seu paiz, dizia no *Victor*, ao cahir da tarde, entre os fumos de um havano, olhando o valle que se abre debaixo do terraço do hotel: já conheço a sociedade da capital em que estou acreditado—ha um barão para valsar e um visconde Antonio *pour les bonnes fortunes*.

* * *

Affirmam-nos, que na mais lusida e bella festa d'este inverno, s. ex.ª dizia ás senhoras, que simplesmente dirigiria o *cotillon*, mas que não valsaria, porque tinha uma unha d'um pé encravada com carne esponjosa.

ENCERRAMENTO DAS CAMARAS

PALESTRA (a série) — LEVES OBSERVAÇÕES, QUE O CONTRIBUINTE DIRIGE AO PODER

CONTRIBUINTE
— Então, mestre,... fecha-se já a tenda, hein? —

— Pudéra!... Eu tenho mais que fazer —

— E então os idéos e os programmas são tão diversos! —

— Não, mestre! São todos os mesmos; questão é do osso.

Snr. Poder — E eu queria harmonisal-os

— Eu economias! Sim! as economias! — Spera; eu t'as farei conhecer.

CONTRIBUINTE
— Máu! já lhe cantei!... Eu quero ver p'ra ahi esse serilho animado.

Mas os tempos estão bicudos!...

— Não é tanto assim. Ah! eo partido progressista... o demagogico!

— Tem fome!

Snr. Poder — por todos os modos.

— Sim! Ageringonça é sempre a mesma (á parte) Bem vos entendo: o comido sou eu.

Snr. Poder
— E eu queria fazer a fusão

E o regenerador!?

Come tudo, diz meu compadre do PRIMEIRO DE JANEIRO.

— E a moralidade!?

É um palavrão de que usam os rapazes e as opposições; mas que ninguem toma a sereio.

Sr. contribuinte
— Hei-de ser sempre o burro atrelado ao carro da governação!

Godinho

Neste caso: que a unha do pé se lhe desencrave, e que a lingua se lhe encrave.

IGNOTUS.

CARICATURAS

FERMENTAÇÃO CONSTITUCIONAL

O parlamento portuguez votou na sessão de 27 do mez passado uma pensão annual de 2:400$000 réis á viuva do marechal Saldanha e outra de 2:000$000 réis ao *primogenito* do mesmo marechal. Esta homenagem ao velho direito de primogenitura e de sangue—homenagem fundamentalmente illegal depois da lei que aboliu os morgados — da parte de um poder de instituição essencialmente democratica como é o parlamento, seria uma charada grotesca se não fosse uma immoralidade repugnante, pois que tem por unica razão de ser a inutilidade d'um homem, que sendo filho do marechal Saldanha, cujo nepotismo politico é tradicional, não encontrou na infinita escala das posições officiaes d'este paiz um logar onde coubesse a sua inepcia, nem nas sobras dos fartos e multiplices ordenados de seu pae uma migalha que o livrasse do papel vergonhoso de mendigo agaloado.

Ha na vida publica portugueza cousas de si tão baixas e infames perante os grandes principios de justiça e de liberdade, que se nos gela deante d'ellas o sorriso, com que ordinariamente saboreamos esta velha farça constitucional, para se nos converter em nojo pelos homens, que, de coração leve e de cabeçaôca, estão perturbando o natural desenvolvimento da sociedade portugueza e provocando talvez a explosão extemporanea e por isso perigosa de grandes acontecimentos.

Que os senhores deputados da nação portugeuza não vejam nas nossas palavras, se as lerem, uma ameaça theatral e prophetica d'um velho jacobino, cheio de sediças indignações revolucionarias. Detestamos o genero e suppomos-nos com o sufficiente bom senso para não invejarmos a gloria do *Pomada Florestal*. Mas, aqui á puridade e muito tranquillamente, ss. ex.as pareceram-nos simplesmente *bandalhos*, como diria cruamente Rosalino, votando uma pensão annual de 2:000$000 réis ao primogenito do marechal de Saldanha, pelo simples facto de ser primogenito... e mais nada. As pessoas prudentes hão de achar talvez duras e grosseiras as nossas phrases; que essas pessoas de fina e nervosa sensibilidade litteraria attendam porém a que o facto é por tal fórma repugnante, que não podémos deixar de lhe cuspir em cima. Estas palavras são apenas.... a salivação do nosso nôjo.

ADIAMENTO

Foi adiada, para quando fizesse melhor tempo, a reunião dos archeologos portuguezes nas excavações da Citania.

Não convém que a archeologia se indefluxe, porque não podendo, sem quebra das suas gloriosas tradições, assoar-se a um lenço moderno de algodão ou de seda, teria de se assoar aos dedos, como sendo o processo mais pre-historico que se conhece, a não querer assoar-se a dois machados de silex, o que se nos antolha ameaçador da integridade dos sabios narizes dos illustres archeologos.

Está averiguado por esta resolução de archeologia portugueza que a chuva não é um phenomeno metereologico pre-historico, mas de invenção moderna. Desconfia-se que foi o sr. Ramalho Ortigão que o descobriu no seu ultimo numero das *Farpas*. Está o sr. Possidonio da Silva encarregado de averiguar esta abominação do sr. Ramalho. Espera-se um relatorio *ramalhudo*.

FELIZ SUCCESSO

Nasceu no Bairro Alto a annunciada *Revista de Theologia*. As prophecias davam este feliz acontecimento para janeiro passado, mas enganaram-se em dois mezes no periodo da gestação. Esperam-se por estes dias nesta cidade os reis Caramba 24, Bobeche e Ratachina 16 que vem adorar o novo redemptor da perdida geração dos *macaqueiros*.

O recem-nascido falla pelos cotovelos e espera-se que confunda os *doutores*.

Boqueja-se que a mãe da criança não ficou virgem depois do parto, e que o pae não é carpinteiro, mas trôlha. Calumnias talvez, porque o tempo não vae para milagres, e ha por ahi muita alma prevertida que ao lêr a *Revista de Theologia* murmurou impiamente: *Bem vos conheço, meus paus de laranjeira!*

DECRETO

D. Theotonio d'Asseiceira,
Eu, rei das grandes Arabias,
Que já tive ratas sabias,
E já andei de feira em feira;

Lido nas cousas do mundo,
E dado a grandes inventos,
Que conheço o mar e os ventos,
E sou um sabio profundo;

Sonhando que as instrucções
Andam perdidas, safadas,
Como as botas remendadas
Do grande padre Simões;

E entendendo que o ensino
Anda doido, sem juizo,
E que devera ter siso
Visto já não ser menino.

E que o lyceu de Bragança,
O de Braga e o de Vizeu
Andam já como um sandeu
Em continua contradança;

Mandamos que a caloirada
Venha ás terras da sciencia,
E soffra com paciencia
Os trambulhões da jornada.

Que traga farpella boa
Para vir á examina,
E que partam já de cima
Para o Porto e p'ra Lisboa.

E que os paes vendam na feira
Os machos, o grão e os bois,
Ficando para depois.....
O resto da brincadeira.

COMMENTARIO

Tu reformaste a instrucção
Como quem esfrega um olho!
Quem te me dera de môlho,
Ó meu sabio *Rei Pavão*.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes da provincia o distincto obsequio de mandar satisfazer o pagamento das suas assignaturas em sellos ou valles do correio.

Aproveitando o ensejo, pedimos aos cavalheiros que ultimamente nos tem honrado, assignando o nosso jornal, desculpa de não lhe remettermos o primeiro numero por se achar esgotado, e ser de todo impossivel satisfazer aos bastantes pedidos que nos têm sido feitos.

COIMBRA—Imprensa Academica.

CHRONICA DAS SACHRISTIAS — por L. Godinho

—Homem, vá com estas, a religião sempre é um freio!

O MESSIAS COIMBRÃO

O parto foi violento, feito a urros, e do ventre da mãe a cria sahiu hydropica, descommunal.

Era uma azafama incrivel em volta do crioulo: todos o queriam ver. Ao ageitar-lhe as faxas o infante regougou, e Lino, em soluços, disse:

—Que mimo! já n'isto atira ao pae.

Todos applaudiram e cercaram-n'o attentos. Bettencourt, em vestes de parteira, era todo cuidados, olhos fitos no cordão umbilical. Que não fosse desatar-se, que o despejo era de temer-se!

Comtudo o menino não fallava. Dos labios roxeados não sahira ainda um som articulado, o que, se não fosse um descredito, sempre era um desgosto.

E, depois, se elle fosse mudo?

A mãe estava em ancias de mulher agoniada e das profundezas do ventre baforava suspiros asperos como arrôtos.

—Mas elle vae ficar assim? — aventava a mãe chorando um pranto amargo, entrecortado de textos em latim. — Ó Lino, não seria bom lêr-lhe os exorcismos?

—Credo! — reprehendia a parteira — pois o meu anginho vinha lá tolhido?—concluia, ageitando á moleirinha as dobras d'uma touca.

Mas o tempo apertava, e de longe tinham vindo para escutar-lhe a palavra inspirada. Que elle devia destrinçar os casos obscuros, e Braga até pensava que o Senhor fallaria pela sua bôcca.

E se não fallasse? Elle! o primeiro filho d'aquella mãe bondosa, o filho do seu ventre, da sua gestação, se nascesse com a trave?

Depois, o edificio tinha lá dentro o soturno aspecto d'um hospicio de... productos alheios.

Affeiçoara-se a elles, chamava-lhes seus filhos a caroavel mãe, mas o mundo bem sabia, e quando adregava vel-os, era só perguntar:

—De quem és, meu menino?

Que a creança, com risos frescos como orchata, respondia:

—Sou filho do pae Guthelin, mas estou em casa da mãe Possidonia... a *criar*.

Era a historia de todos os... emprestados.

A reputação da bondosa mulher tomara vulto e todos anceavam ver aquelle que, em manhas, elfa estremaria da filla dos engeitados.

Mas se elle não fallava, santo Deus!

O susto subia de ponto e começava de dizer-se já que o ôvo era gôro.

A este tempo irrompe do alto Minho um telegramma.

Menezes, o espadaüdo, nas incertezas crueis d'um pae cheio de affectos, já não podia esperar mais.

E cheio de razões, num impeto paternal, fallou assim pela voz metalica do telegrapho:

TELEGRAMMA

Alto Minho.

A Lino, meu compadre em Christo.

O rapaz que falle senão que o esborracho quando chegar ahi. Diga-lhe isto.

Menezes.

.....

O caso foi que elle fallou, mas o susto fez-lhe mal e parece que entonteceu. Todos se riem.

Ah! que não morresses de parto, ó boa mãe Possidonia!

VASCO ASCENSIO.

A ROMARIA

Os catholicos portuguezes azafamam-se nos preparativos para a santa peregrinação que tem por fim collar n'um osculo piedoso os beiços lusitanos aos sagrados pés de Pio IX—convenientemente lavados.

Roma vae abysmar-se em face da grandeza dos nossos peregrinos.

O programma é um delirio.

Elle só, a não leval-os a Roma, talvez os leve á immortalidade pela porta do *Flos sanctorum*.

Quatro galeões, algumas caravellas levarão do Tejo ao Tibre os presentes, os romeiros, os beiços e a religião—a nosso uso.

O sr. conde de Samodães, que até já sacrificou as suas calças curtas ás exigencias d'uma *mise-en-scene* bem catholica.... e mais decente, embarcará com o sr. Marnôco num fragil cahique.

Accossado pelos vendavaes, batido das tempestades, atacado pelos tubarões, a pequena casca de nóz chegará a Meca.

Delirante gaudio da *troupe*. Tudo do programma.

O sr. conde de Samodães tencionava porém affastar-se do programma, chegando a afagar a doce esperança de ser engolido por uma enorme balêa, no ventre da qual passaria tres dias.

A' falta de Christo, receioso de não sahir pelo canal de Jonas, mudou de tenção. Tambem para sacrificio bastava já o da farpella.

João de Lemos—o lyrico da escóla de Salamonde — comporá ternas endeixas ao fausto anniversario, as quaes o sr. Sampaio, que, de pesado, não póde ir, verterá a latim, para penitenciar-se dos seus crimes para com a curia.

Levarão a mais—symbolo da nossa civilisação em Africa—uma arreata de pretos. (Não são os do sr. Manuel Vaz).

E muito mais ainda....

Rosna-se porém, com assustadora insistencia, que o santo padre se despedirá do mundo —para lhes não receber a visita.

Longe vá o agouro.

GIL.

As pessoas medianamente versadas nos acontecimentos litterarios do nosso paiz não desconhecem de certo a allusão que na nossa caricatura de hoje fazemos aos dramas revolucionarios do sr. Antonio Ennes. O illustre auctor da *Filha do Saltimbanco* e dos *Engeitados* conquistou nas lettras patrias tão subidos fóros que não cabe no pequeno espaço, de que hoje podemos dispor, uma analyse da sua indole litteraria.

Espaçando para outro numero esse estudo, fiquemos até lá com o que diz Melicio: *Ennes*

escreveu na «Filha do Saltimbanco» a primeimeira obra dramatica do seu paiz.

O auctor das linhas que transcrevemos, ao que parece, depois d'este drama só conhece... os *Engeitados*.

SECÇÃO LITTERARIA

CARTA DE FALSTAFF

Já não gostas de mim; diverso rumo
Vae seguindo a barcaça em que navegas!
Andei no meu papel qual tolo ás cégas,
Tomando a deusa por ligeiro fumo.

Agora os dias a chorar consumo:
E de noute, nas lobregas adegas,
Ajudado de paio e beldroegas,
Taças empino emquanto em pé me aprumo.

Vai fundo o meu penar! Nesta agonia,
Vejo a morte que me aperta e abraça
Sob a fórma cruel da hydropesia!

Oh! se o remorso, ó minha *lady*, ó graça,
Entrar comtigo e visitar-te um dia,
Affoga-o numa dorna de cachaça!

João.

CARICATURAS

O ALTAR E O THRONO EM BRAGA

Estas duas velhas syntheses dos dois maiores poderes que avassalaram a meia edade, o poder espiritual e o poder temporal, estão coherentemente representadas na cidade de Braga.

O sr. João Chrysostomo anda pelas ruas de Braga ás soltas—duas parelhas de mulas sem sota, cousa que no *sport* se comprehende, mas no fausto cerimonioso de qualquer personagem, altamente collocado, não significa senão uma asneira, como qualquer outra.

S. Ex.ª Rev.ma para ir para a sé, em dias festivos, corre todas as ruas da cidade, o que nos levaria a suppor que o bom primaz desconhece um dos mais simples e fundamentaes principios geometricos — que a linha recta é o mais curto caminho entre dois pontos, se o catholico prelado não tivesse dito aos seus conegos que a razão de torcer sempre o caminho é a necessidade que elle vê da Igreja mostrar a sua força por meio do seu antigo esplendor!

O que, francamente, é mal imaginado isto de medir a força da igreja pela força locomutora das suas mulas.

O sr. governador civil, o nobre marquez de Vallada, desde que a sua nomeação foi ponto decidido no bestunto politico do sr. de Bolama, a sua idéa mais positiva sobre o administração tem sido a questão de fazer conduzir e acommodar na capital do Minho os seus coches e os seus cavallos.

Arcades ambo!

Quanto a esta segunda auctoridade parece que leva tenções de fazer politica — a meias com o sr. Adolpho Pimentel, capitão da bomba, voluntario.

Foram-nos trancadas as portas do Seminario episcopal! A *Vespa* n'aquelle alfobre de pequenos santos, era uma immoralidade, um escandalo para aquellas consciencias infantis.

Pensando-o assim, talvez andassem bem, comtudo que nos relevem umas ligeiras observações.

Se foram as nossas opiniões, altamente individuaes, as nossas chronicas sinceramente innoffensivas que despertaram no redil o susto e

REABILITAÇÕES SOCIAES

Ennes, o Saltimbanco e o Engeitado

os receios, oh! então, que nos grudem as portas, que nos caiam em cima com toda a agua benta, que nos esfaqueiem até, se o processo, por summario, mais lhes aprouver, que nós, a escaparmos, teremos o arrojo de seguir na mesma trilha.

Contudo, se nós mentimos á verdade, não será superiormente erroneo apontar-nos como um perigo a que deva fugir-se como d'um fructo prohibido, quando parece mais seguro annular-nos só pelo poder das suas consciencias inquebrantaveis?

Se nada temem na sua integridade, na sua honesta vida, de que podem arrecear-se?

Como quer que seja, se o escandalo os chocou, louvamos-lhes o tino e o faro subtil que evitou escandalos maiores. Que os meninos não saibam. Nós iamos abrir a chronica do.... Seminario.

O CASO DOS SALPICÕES

A cousa agora é séria. O paiz vae conflagrar, e o caso é o seguinte: O sr. José Luciano, no seu regresso d'Anadia, levou entre as saudosas recordações da familia, alguma fructa e uns paios timidamente collocados no fundo d'um cesto.

Ao rever-lhe as bagagens os fiscaes da alfandega, que não tiveram consolos para mitigar-lhes as saudades, lançaram-se como abutres aos paios que apprehenderam como contrabando. Estavam famintos, os diabos.

Via-se que ali andava dedo de politico graudo, e, averiguado o caso, sabe-se que é uma vingança regeneradora. A cousa toma vulto, os partidos dividem-se, trocam-se insultos entre si, e hoje em Lisboa quem não é pelo paio é contra o paio.

Entretanto nas silenciosas catacumbas politicas da capital conspira-se valentemente e não é raro nas ruas, entre embuçados, ouvir-se:

—Quem vem lá?
—Gente de paz.
—O santo e a senha?
—Moralidade e salpicões.
—Passe de largo.

Ah! que vos não cáiam em cima, ó paios, tres mestres de primeiras lettras!

A UM SAMPAIO DE COIMBRA

Elle chama-se Sampaio,
E parece um rei assyrico....
E tem no nariz um paio
Diria qualquer satyrico!

É de bom gosto e ratão,
Semilhante na figura
A'quella negra brochura
Da famosa inquisição.

Os effeitos do jejum
Não lhe emagrecem o rosto,
E lança sempre o fartum
Do catholico desgosto.

Eu quando lhe vejo a pança,
Da janella do meu quarto,
Acredito ver um parto
D'um antigo par de França.

E ao ver o todo untuoso
D'aquella carne adorada
Sinto o desejo vaidoso
De o comer de cebollada.

FRADIQUE.

Um cavalheiro da Lourinhã pede-nos o obsequio da publicação do annuncio que abaixo segue.

A originalidade do assumpto força-nos a abrir aqui uma excepção, que desdiz da indole do nosso jornal.

Que nos relevem a falta, se a houver.

O annuncio é o seguinte:

A QUEM CONVIER

Um proprietario da Lourinhã, que é dos quarenta maiores contribuintes, offerece de mão beijada uma filha sua em casamento e com um dote de quarenta moios de barbella, para cima que não para baixo, pelo rarissimo livro: *Costumes Madrilenos* — de Magalhães Lima, 1.ª edição, entenda-se.

Exceptuam-se os quatrocentos volumes d'esta rarissima obra, que o editor tem em casa.

A quem convier o ajuste queira dirigir-se em carta fechada para a Lourinhã ao sr. L. X. M.

—N. B.—Só pela penna do auctor dá-se sem ajuste uma junta de bois. É a elles rapazes!

Ahi fica o annuncio: é convidativo, é, mas receiamos que, pela raridade do livro, a mulher fique—para tia.

Uma reflexão séria. Alguns bons e ferventes catholicos de Baltar, ao todo dous sacerdotes, pruridos da apparente mordacidade das nossas *Chronicas das sachristias*, cahiram-nos em cima com os seus odios e com a sua grammatica, o que é peior um pouco. Esfaqueavam-nos se nos têm á mão. Mas n'esta impossibilidade os bons caturras contentaram-se em apodar-nos de impios, victimando principalmente o caricaturista, cuja alma, ao seu dizer, tinha a *negridão do pello dos phariseus*.

E o caso é que iam acertando, porque, se lhe não acode a tempo com a quebra das relações, a molestia pega-se.

Entretanto, ó selvagens de Baltar, nós nunca quizemos tocar-vos pela pelle, e, crêde, um lado muito sympathico da vossa indole—era para nós até a vossa affirmação como assignantes. Nesse horror, porém, vae alguma cousa do odio á lettra redonda e muito do despeito de ser-se atacado com balda certa.

O sr. Ramalho Ortigão fez publico no seu ultimo numero das *Farpas* um processo muito engenhoso, de sua invenção. para ter chuvas promptas sempre á primeira reclamação dos lavradores. Aquillo é só dizer: salta aqui chuva a dous, e ha logo um temporal se lhe não pozer um dique.

Não dizemos o processo por duas razões: a primeira, porque não desejamos privar, quem quer que seja, da leitura d'aquella excellente publicação: a segunda porque interpoz recurso, como delegado celestial, o sr. Arcebispo Primaz e não queremos influir no animo dos juizes de pleito com o pezo das nossas opiniões.

Até lá, porém, já sabem, para aguaceiros, redacção das *Farpas*—Lisboa.

VASCO ASCENSIO.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes da provincia o distincto obsequio de mandar satisfazer o pagamento das suas assignaturas em sêllos ou valles do correio.

COIMBRA—Imprensa Academica

CHRONICA DAS SACHRISTIAS — por L. Godinho

—E no sexto?

INSTRUCÇÃO E BAMBURRIO

A reforma da instrucção nacional tem sido, ha alguns annos, o mais constante pensamento, a mais elevada idéa fixa para cuja realisação têm concorrido á compita os melhores talentos das altas regiões do poder. Desde a economica bambochata dos *minervaes* até ao ultimo decreto do ultimo ministro—sob cuja egide pômos as nossas cabeças e as nossas opiniões—o sr. marquez d'Avila, o ensino publico tem merecido preferencias taes e mimos de tal ordem que o tornaram *enfant gaté*, traquinas e insupportavel.

Um dia descobriram que a instrucção neste paiz não vingava dar uma illustração mediana mediante os processos morosos do portuguez e do latim em um, em dous, ou tres annos: e surgiu a idéa, inteiramente avessa, de dar-nos a instrucção de afogadilho, contanto que os aprendizes de sabios obtivessem d'uns jurys errantes, *touristes* da sciencia nacional, a sancção da sua provavel sabedoria.

Os rapazes, fartamente ensandecidos pelo primeiro processo, sahiam opillados das segundas emborcações, e neste ponto, e ainda por motivos de restricta economia, apparece o decreto de 28 de março, referendado por um rei, cujos variados conhecimentos vão até á Medicina e assignado pelo ministro cuja competencia litteraria o levou ao Banco hypothecario e á Academia Real das Sciencias—dois bancos de letras gordas.

Obra d'um meditar profundo, consciente, o decreto appareceu: estudemol-o um pouco.

* * *

A reforma de instrucção publica, digamol-o já, para nós era de uma urgencia que, a nosso ver, não permittia a morosidade da nomeação d'essa commissão em cujo numero se contava antigos parlamentares, ministros d'estado honorarios, velhos *diseurs* de rethoricas estafadas, professores creados no Genuense, e mais, ao todo talentos *arrierés*, garantia por si segura do disparate porque abriram no decreto, cuja analyse vamos fazendo.

Ora é de notar-se que raro ministerio apparece, que, em circumstancias que demandem uma séria affirmação da sua individualidade, não derive dos seus para os costados de uma commissão a responsabilidade de uma refórma, d'uma idéa moderna qualquer, cuja realisação se torne precisa e urgente.

A commissão assim instituida, reune-se ou diz que se reuniu: dorme sobre a cousa a reformar, e um dia surge com um expediente, com uma lembrança de momento incongruente e irracional.

É a maneira de reformar este paiz, onde rara instituição não tem a vida dos velhos fidalgos arruinados—vida d'expedientes devassos e sediços.

* * *

Depois a necessidade de refórma assentua-se mais, se attentar-nos na quasi nenhuma responsabilidade em que, ao que parece, se incorre nisto de aventar que o professorado é immoralissimo. Nós nem de leve o suppômos. Comtudo é de notar-se a preferencia que mais parece ter-se dado á maneira de examinar, antes de discutir-se programmas realisaveis e proveitosos. Como que anda no ar uma desconfiança, não da nossa ignorancia mas da sua devassidão, porque se resume tudo, não no modo de dar-nos ensinamentos uteis e professores idoneos, não! o governo não tem essa preoccupação! mas em buscar-se, embora á candea, a competencia moral e scientifica no juiz; para isto é que elle trabalha, isto é o que o governo quer. Aquillo a que sobre tudo parece attender-se, é á maneira de examinar-se sómente.

Mas, perdão, se elles prevaricam, para que é essa refórma, cujas consequencias deploraveis se fazem sentir todas sobre o alumno? Escovem-lhes as consciencias, dêem-lhes algum dinheiro, terminem com as suas dependencias, e elles serão rectos.

Mas que o rapaz, o inconsciente, o inculpado soffra, só porque não ha a dignidade precisa para castigar a immoralidade do que approva por veniaga ou reprova por caprichos, isso é uma stulticia, e seria uma infamia se essa palavra não estivesse reservada agora toda para... a apprehensão dos chouriços!

* * *

Mas não é assim! reconhece-se a incapacidade para ser-se moralisador, capaz de cumprir a lei, e então surge o expediente de fazer passear pelo paiz uns pandigos que se remuneram pelas hypotheticas decisões conscientes nas mezas dos exames e pelos nadas improvaveis prazeres d'uma viagem por conta do estado.

Mas este processo é trabalhoso e longo, cria attritos; é preciso outro mais suave. A este tempo a commissão que explicava logica em Coimbra, que fazia politica em S. Bento, que enredava nos salões da diplomacia extrangeira, acode, e salva-nos, virando do avêsso o expepediente antigo, safado e gasto.

A questão não era precisamente reformar: o essencial era um expediente.

Esse appareceu e a moralidade salvou-se.

Não importa que o alumno seja victimado; o que se deseja é que a commissão não trabalhe dignamente, e que os poderes publicos não sejam forçados a julgar.

Opinião, oh! isso não! antes outra commissão para a ter por elles!

* * *

A *Vespa*, sahindo hoje dos dominios dos assumptos leves, de facil digestão cerebral, protesta entretanto que não acceita o provavel alvitre dos seus diffamadores — de a nomearem para a meza dos exames.

Não! essa honra afogava-nos!

VASCO ASCENSIO.

Devemos á obsequiosidade do nosso amigo o sr. José Cachapuz a caricatura da ultima pagina do nosso numero de hoje. Se a amizade não tornasse suspeito qualquer juizo que po-

dessemos fazer sobre o seu muitissimo merecimento, não appellariamos para o alto conceito em que o tem já todos quantos o conhecem e os muitos que vão aprecial-o hoje na correcção do seu desenho e na perfeição ao caricaturado que, infelizmente, nem todos podem avaliar— Ao nosso obsequioso amigo agradecemos sinceramente, esperando apenas merecer-lhe a repetição de egual fineza.

PHOTOTYPIAS EM PROSA

V

O NOBRE MARQUEZ

A politica d'este paiz acaba de exigir mais uma vez do nobre marquez de Avila e Bolama o alto sacrificio das suas attenções á suprema direcção dos negocios do estado. A paz publica applaude, mas a sciencia chora. Ninguem por certo mais competente que o nobre marquez para dirigir a náu do estado na presente conjunctura, em que a paz da Europa ameaça ser fundamente perturbada; mas são sempre ruinosos estes interregnos na vida da sciencia portugueza, da qual o nobre marquez, como presidente da Academia, é instigador e director. Accresce que são tanto mais para lamentar estas exigencias da politica nacional, quanto as tendencias e os gostos do nobre marquez são essencialmente scientificos e nada politicos. O encerramento das conferencias no Casino, na penultima situação politica de que sua ex.ª foi presidente, e o decreto de 28 de abril ultimo sobre os exames finaes de instrucção secundaria ahi estão para attestar que o nobre marquez pensa constantemente na sciencia, mesmo quando faz administração publica.

São bem conhecidos tambem os grandes trabalhos scientificos que lhe deram accesso por aclamação no seio da Academia Real das Sciencias, e que o elevaram ao alto cargo de presidente quasi vitalicio d'aquelle respeitavel alcaçar da sciencia. O *Calculo das variações* por Antonio José d'Avila, *A anemia constitucional* pelo conde d'Avila e a *Corrupção dos partidos* pelo marquez d'Avila e Bolama, são livros que toda a gente conhece e que a sciencia admira, além de outros trabalhos de menor interesse scientifico, como *A admintsiração do banco hypothecario*, *Os privilegios da nullidade*, *As honras da inepcia*, *A vaidade dos tolos—estudo pathologico-cerebral d'um marquez* PARVENU.

É perante esta grande auctoridade scientifica que os partidos politicos se calam ou applaudem sem reserva o accesso ao poder do nobre marquez.

Dissemos que as tendencias e os gostos do nobre marquez eram mais scientificos do que politicos. Póde assegurar-se ainda que são exclusivamente scientificos. O nobre marquez chega com effeito a ser tão pouco politico, que usa *cache-nez* sempre e em todas as circumstancias solemnes e ordinarias. A sua politica consiste simplesmente e originalmente em não ter politica nenhuma.

Uns dizem que é conservador, porque usa o mesmo *cache-nez* ha vinte e cinco annos; outros que é progressista moderado, porque só anda de carroagem quando é ministro; outros que é progressista radical por ter cabelleira á Saint-Simon, outros finalmente que é miguelista, porque gosta do *Miserere* do José Mauricio. Ora nós podemos assegurar, por investigações a que procedemos, que o nobre marquez é simplesmente uma negação, uma charada não pittoresca. É... porque não é. Se fosse deixava de ser. E mesmo já era antes de o ser, exactamente como a *pescada*.

E é finalmente. .. porque não é. E' da politica, porque não é politico; é da Academia, porque não é academico; é nobre marquez,

O DECRETO DE 28 DE MARÇO

(Episodios d'um drama familiar)

Zé Povinho da Costa soube do abbade da sua freguezia que o seu filho tinha de ir *á enzemina* a Braga:

elle que tanta vez sonhára em ve-o padre, calla-se com o jogo

e vae á cidade vender a junta de bois cabannos que tinha para o arado e

depois, com o dinheirito que arranja, despede-se do filho que vae inconsolavel. . . .

Tres mezes passados, o rapaz volta aos lares patrios, cheio de vicios, e para a familia, com um pequeno presente... pela mão.

Epilogo—O filho um... pandigo.
O pae... a pedir.

porque não é marquez; é condecorado, porque nada tem *decorado*.

Dá-se uma administração do concelho a quem decifrar esta charada.

JOÃO RUBIO.

TYPOS DE COIMBRA

O RIBEIRO

Todos o conhecem! Adquiriu aqui uma celebridade desde que no paiz houve uma grande affronta á justiça, ou uma grande obra de caridade a exercer.

Anichara-se no seu quarto, só, sem familia que o consolasse, sem amigos que lhe distribuissem melhor as horas que levava a chorar as tristezas da sua patria, ou a projectar vinganças... do Burnay.

Só tem uma nuvem aquelle *sublime*—a immoralidade humana! um desconsolo—viver!

Num impeto de desapego, pediu já que o trocassem... a inscripções!

Foi sempre velho, e na lenda academica aquellas barbas brancas discutem antiguidades com as botas de Martins de Carvalho!

E' mais antigo ainda que o Crespo!

Um dia, já elle era rico, quiz uma illustração que o habilitasse ás cadeiras d'Academia: estudou o latim, meditou Quintiliano e foi matricular-se no primeiro anno juridico. O seu apparecimento foi como o arraiar d'uma nova aurora. Ferrer tremia do seu isolamento a cada investida que elle dava ás idéas do seu livro. Era um assombro a limpeza que Ribeiro fazia em tudo aquillo.

Se lhe não acodem, põe o Direito no *prégo*, a fazia-se elle o Harpagão das *lettras* academicas.

Mas não vingou ser comprehendido na reférma em que se envolvera e, crueza singular! cortaram-lhe os vôos com tres RR!

Ribeiro, nesse dia, teve o primeiro desengano e produziu o primeiro *manifesto!* — Era uma *circular* incendiaria, assanhada. Chamou á faculdade a caverna, de que José Dias era o Caco!

O desespero foi enorme, e desde então deixou entrar-se da inconsolavel magoa de todos os incomprehendidos.

A vingança era visivel: e elle que preadivinhara as provações que lhe reservavam aquelles que escurentava e entontecia com os seus *tours de force* geniaes, fechou-se a sós comsigo, fugiu ás victorias incertas do mundo, que julgara por momentos ter na mão, para se entregar todo aos prazeres das *victorias* que tinha... na algibeira.

Desde então não houve para elle um talento que equilibrasse a egoista vaidade de ter em casa alguns pintos empilhados!

Correram-se alguns annos, e elle, que quizera roubar-se sempre á celebridade que em annos mais verdes tanto o affagara, veio com as inundações, de labio fremente, a palpitar-lhe o seio prenhe de idéas generosas, esmolar, na enorme convulsão da leitura d'uma *circular*, soccorros que a mocidade academica não recusa nunca aos desvalidos.

E começava por declarar, entre soluços, que elle... fôra o primeiro inundado!

Teve um exito brilhante aquella invocação á nossa caridade! Mas creou-lhe difficuldades e invejas que hoje o annuviam. Ao menos os outros depreciaram-lhe o genio apenas, acharam-n'o *sublime*... de mais: estes querem-lhe o sangue, querem a chacina.

Ribeiro desconfia que o matam, e anda como louco em busca de quem lhe aqueça as costas.

Tem um pesadello, que é um homonymo cruel: teme-o porque surprehendeu já a faca homicida.

Mas não, bom velho! elles não te matarão, e, sobretudo, não dês, a troco do calor das tuas costas, o calor ás suas algibeiras.

L.

CARICATURAS

A NOSSA REHABILITAÇÃO... PELA CARNE DE PORCO

O caso dos chouriços invadiu já os dominios do artigo de fundo. Ganhou fóros sociaes, e quem sabe se chegará a debater-se a importantissima necessidade de chamar-se aos conselhos da corôa—o cevado.

Então os partidos politicos, cuja discordancia será de certo toda nisto de optar pela bolota ou pela batata crua nos processos da seva, começarão de interessar mais os conhecimentos populares, fazendo levantar-nos d'este indifferentismo descrente dos merecimentos dos illustres gladiadores.

Os programmas, ganhando em novidade, definir-se-hão melhor, limitando praticamente o alcance das suas medidas revolucionarias.

É uma refórma completa, util e sobre tudo essencialmente pratica.

No seio do parlamento não terão razão de ser os pequenos corrilhos que hoje lá exameam, e que não dissentindo no essencial dos seus programmas, discordam num ou outro ponto d'expediente, e que levantaram caprichosamente á altura de doutrina.

Haverá sómente dois grandes partidos: o dos que querem o porco rehabilitado, ennobrecido, com voto nas eleições dos procuradores á junta e possibilidade de ser chamado aos conselhos da corôa—e o dos que não preferem ás grandes idéas modernas a rotina, em administração, da orelheira de porco com feijão branco.

Depois, isto é muito mais simples.

Aos *parvenus* parlamentares, olha-se-lhes para o adipe como precedente politico, mede-se-lhes pelo volume a fórma das idéas e não ha vacillações.

Exemplo: ha tres annos, vigorando o nosso systema, quem medisse o sr. deputado por Moncorvo diagnosticava, ao vêl-o obêso, nedio, oleoso: deputado ministerial, que na questão adstricta quer o cevado no respectivo abdomen e o sr. Arrobas no ministerio.

Nas elevadas questões diplomaticas ainda o porco será de uma utilidade e economia incalculaveis. Os ministros, dando-se uns grandes ares sacerdotaes, e, á falta das finas subtilezas d'intellecto dos seus esfomeados diplomatas, diriam, exemplificando para agora nas incertezas da luta do Oriente:

—Ó Carlos Bento, veja você as entranhas á victima.

E Carlos Bento, que é dos que não quer o porco a trôco do Arrobas, atira-se á chacina, e prevê, com o seu fino tacto politico, nos figados da victima a sorte dos povos orientaes.

Isto é muito mais economico, e dispensa-nos do encargo inutil da diplomacia portugueza.

Com o porco, portanto, rehabilitado na futura reforma da carta, abre-se ao paiz um caminho que se nos afigura levar direito á felicidade promettida no programma da Granja e á plastica sadia do sr. Sampaio.

Democracia.

O localista não nos percebeu o intento e sahiu-nos chambão na resposta que mandou. Comtudo, creia, que não vingando ser gracioso, não conseguiu tambem molestar-nos a vaidade.

Aquellas tendencias em nós para domadores de moscas, não as haviamos descoberto ainda: foi uma revelação.

Agora explicamos nós este sestro maldito d'embicar-lhe com as mazellas. Ainda assim era caridade.

Mas como é ingrato... não as enxotaremos mais.

COIMBRA—Imprensa Academica

TYPOS DE COIMBRA—por José Cachapuz

O Ribeiro

BOLETIM POLITICO

Debateu-se, ha dias, em conselho de ministros a justiça que poderia haver nisto de dar, de mão beijada, oito contos de reis ao sr. Cardeal Patriarcha para a sua peregrinação a Roma.

Dividiram-se as opiniões, e feita a contagem dos votos, apurou-se que o paiz pela voz e tres ministros, era de opinião que o piedoso Patriarcha fosse a Roma por conta do thesouro.

Convem notar porém que, posto o debate á altura da reputação de tão illustrados contendores, aquella decisão serve de aferir-lhes as crenças, as idéas, as opiniões em materia de administração economica e politica.

D'este modo não ha que extranhar-se pois, que, ladeado do sr. Mello Gouvêa e Florencio Pinto, o sr. marquez d'Avila votasse pelo subsidio, exactamente pelas razões que o levaram a declarar-se em pleno parlamento o mais tolerante e economico — entre os intolerantes e esbanjadores ministros portuguezes.

* * *

Senão vejamos.

Ha alguns annos, uns intolerantes rapazes de talento abriram nos salões do Cassino umas conferencias incendiarias, subversivas da ordem publica.

O povo, ancioso de revoluções e incendio, accode das fabricas, dos campos, das viellas escusas da capital a ouvir-lhes a voz revolucionaria, e naquelles peitos, escadeados de miseria, fremia já o grande delirio da liquidação.

O throno começava a tremer, e em volta da Ajuda havia como que uma atmosphera de petroleo. Os ares era minacissimos, e a cada verbo, inspiradamente jacobino, do sr. Anthero do Quental, a *ordem* tinha cambras no craneo do sr. de Bolama. Não podia esperar-se mais. Das regiões do poder deriva uma portaria mandando fechar a porta aos conferentes. Era simples: quem quizesse ter idéas que fosse para casa tel-as.

Censurou-se muito o procedor, aliás tolerantissimo, do nobre presidente de ministros, comtudo declaramos ingenuamente que o achámos de uma bondade excessiva. E se nos permittem o confronto, talvez provemos que mais tolerante do que elle... só o paiz que o atura.

* * *

Se em identica crise revolucionaria os des-

tinos da patria impendessem da vontade soberana do sr. Fontes Pereira de Mello os incautos conferentes das salas do Cassino, espreitados de perto, seguidos a toda a parte pelo olho incansavel da policia, jazeriam, quem sabe, na *romantica palha humida* das prisões do estado, verminados e miseraveis de pobreza—a não trocarem este supplicio pelo d'uma embaixada ou d'um *compadrio* qualquer.

Nos horrores da guarda municipal ou nas fillas do Tavares amigo: não póde haver meio termo.

* * *

Que os praguentos se callem pois, e que recordem no silencio das suas paixões que acima d'estas intolerancias do governo, ha mais horrores que não provámos ainda.

Se nos esfaqueassem?

Se nos mandassem para o tribunal de contas?

Ah! horror!

JULIO TEIVES.

A caricatura principal do nosso numero de hoje devia talvez fazer-se acompanhar de uma explicação. Julgamol-a comtudo desnecessaria e inutil para os nossos assignantes da provincia que, relembrando alguns dos assumptos anteriormente tratados no nosso jornal, perceberão facilmente a inoffensiva allusão do quadro.

Os que aqui, em Coimbra, nos honram com as suas assignaturas, despensam qualquer explicação que lhe seria offensiva talvez do seu muito entendimento.

SECÇÃO LITTERARIA

O PODER DAS TINTAS

A PAULO D'ANDRADE

Entrei no templo, triste, a ver se do meu lucto,
Na paz do Deus christão podia descançar:
Entrei cheio de fé nesse ultimo reducto
Da crença que agonisa ao pé de cada altar.

Do pranto da minha alma eu, que nunca enxuto,
Ha tanto tempo já, laboro neste azar,
Quizera que me ouvisse o deus que ainda escuto
Dos rudes vendavaes no triste soluçar!

Da talha d'um painel, de fresca ramaria,
—Uma obra d'arte antiga e fina velharia—
Impende sobre a cruz um grande lyrio branco...

Mas vim peor depois d'aquella solidão,
Que o Christo, que eu busquei, na rude encarnação,
–Tinha a selvagem côr d'um magro saltimbanco!

Alguem, menos avisado, tem querido ver nas caricaturas do nosso jornal, um ultrage á dignidade pessoal dos caricaturados que nós muito acatamos.

Esta opinião que, felizmente, é d'um diminutissimo numero, leva-nos a uma explicação desnecessaria talvez, se nós tivessemos a certeza de que cada um dos nossos leitores fazia uma justa idéa da nossa indole litteraria...

Um jornal da natureza do que redigimos pode, desde o menor incidente individual, até á mais completa questão social, tratar todos os assumptos segundo as proprias forças, em estylo mais ou menos gracioso, com mais ou menos conhecimento da materia que estuda.

E bem de ver é tambem, que evitando os attritos do assoalhamento da vida particular, se não eximira a caricaturar qualquer que pelos

seus escriptos, pelas suas palavras, pelos seus actos, pertença ao meio em que vive, ao publico que o lê ou que o ouve.

Sejam quaes fôr as considerações que nos devam particularmente aquelles que julgamos honrar caricaturando, os seus melindres, quando não justificados por um abuso nosso, não os levaremos em conta senão d'um máu entendimento dos jornaes da indole do nosso.

Não queremos offender, não o desejamos, não é essa a nossa intenção, embora busquemos em tudo a feição comica: e, feita esta declaração, aos que julgarem mal dos nossos intentos, a *Vespa* declara-se incapaz de outras explicações.

CARICATURAS

Um bom crente que, pelo nome não perca, se chama *João Rodrigues de Vasconcellos*, fez publico nas columnas da *Palavra*, que, tendo piedosos desejos de ir a Roma em peregrinação, invocava a nossa caridade em favor de tão modesto appetite como o seu é de viajar... á nossa custa.

A *Vespa*, entrando-se de compaixão, pelo bom do peregrino, abre desde hoje logar a uma subscripção a que de certo concorrerá o melhor dos nossos assignantes para exemplo dos quaes começamos subscrevendo..... com uma *Salve-Rainha*.

Bonança chegou á *Lusa*,
E traz martello e *blusa*.
Vem implantar nova lei
Com seus acendrados zêlos.
.....
Vem deitar abaixo um rei
Dos da sala dos capêllos.

Braga, a santa, a pura, a dilecta dos piedosos vae entrar num cyclo famoso de regeneração politica.

A velha capital adormecera nos braços do sr. de Margaride d'um somno, interrompido apenas pelo *chilrear* do sr. Adolpho Pimentel, o bom e traquinas *mimalho* da politica regeneradora em Braga.

Ha dias, porém, os somnambulos bracarenses despertaram estremunhados ao estrondear do foguetorio quando entre pinhas de povo, ladeado de coches e cavalleiros gentis, fez a sua entrada na séde do seu districto a governar o sr. marquez de Vallada.

S. ex.ª ia soberbo de dignidade antiga, e se lhe não pesava nos hombros a armadura das velhas legiões da meia edade, nas phrases com que agradeceu, na sua affabilidade senhoril, nas suas maneiras de *beau monde* havia encantos de fazer desesperar os troglodytas da opposição.

O nobre marquez, recolhido ao hotel, fez saber que desde o mais alto funccionario, seu subordinado, ao mais humilde amanuense, do sr. Pimentel—capitão, ao ultimo bombeiro, a todos ouviria... *para bem da sua justiça*.

A *porta inferi* do Bolson
Está chorando uma pintura.
Já ouvi que é a mãe do Christo,
Mas, para mim, não creio nisto,
É uma victima da usura!

A *Atalaia* vem tão descomposta de modos, tão amaneirada nos gestos e tanto de chi-

OS DOIS POLOS DA VERDADE

O Seculo e a Revista

nela na mão, que lhe lembramos só... as posturas do municipio.

Mas o erro foi todo nosso: que nos penitenciemos d'isso. Nós não tinhamos reparado para as codeas da mão que escreveu a diversa a que respondemos. Para a outra vez não nos escapará observar.

Aquelle que por alcunha
É do *Times o leitor*,
Já não é Barros e Cunha:
É Barros.... despertador.

'Inda Lisboa dormita,
A noite é da côr d'um preto,
Já Barros lá berra e grita
A's portas do Lazareto:

Abram, que elle aqui vae!
É o ministro que vem!
E esta!!—Aqui ninguem sae
Ao meu encontro, ninguem!

Pensando ser um sinistro,
É tudo logo accordado,
Que nunca houve ministro
Que assim tenha madrugado.

Mas Barros, depois de ver,
Uma phrase disse apenas:
—Deixe estar, vou resolver
A questão das quarentenas.

O sr. D. Americo, bispo do Porto, foi agraciado com a Gran-Cruz da Conceição pela fina amabilidade de conferir a primeira communhão aos dois principes portuguezes.

Se tamanha graça representa apenas uma prova da regia gratidão pelas fadigas d'uma viagem penosa atravez os trezentos kilometros de via-ferrea, numa carroagem de primeira classe, no invencivel somnambulismo da conversação d'um famulo anemico de.... *verve*, nada achamos de extraordinario em compensar-lhe Sua Magestade por tal feitio as agruras do caminho.

Comtudo, que nos relevem a observação, tamanha honra, conferida agora, longe de agradavel ao agraciado, como que deveria parecer-lhe antes um insulto.

O sr. D. Americo, no acto que praticou, se não teve a gloria de haver emprehendido nem levado a termo um facto extraordinario, deveria de ter sentido aquella intima satisfação de consciencia de quem cumpriu um dever do seu officio.

E isto lhe abbastou de certo.

Perante a grandeza d'aquelle acto, os principes, despindo a forma convencional que os tem na abundancia d'Ajuda, que lhes dá postos no exercito e talher á meza do orçamento, eram duas creanças apenas que, educadas numa religião qualquer, recebiam d'um ministro da sua egreja uma graça devida á sua piedade, á sua educação.

Conferindo-lhes portanto a communhão, o sr. D. Americo, que esqueceu de certo a sua elevada hierarchia eclesiastica, não via tambem deante si senão as creanças e nunca os principes.

Nestes termos, s. ex.ª, não merecia nunca essa distincção, em cujo offerecimento Sua Magestade procedeu com leveza e com a acceitação da qual o sr. D. Americo se tornou incapaz de poder censurar o subordinado que se exima aos seus deveres — porque lhe não untam as mãos.

Foi intimada ordem de suspensão á sociedade prommotora dos enterros civis, até

que, apppovados legalmente os seus estatutos, possa funccionar mais em harmonia com a lei que rege, mediante a Carta, as consciencias do paiz.

Se este facto, originado pelas considerações de muito pezo levadas ao espirito do sr. d'Avila pelo ministro de França, indica apenas a necessidade de harmonisar com a lei a organisação d'uma sociedade que pode viver contudo de vida propria, embora sob o vigilante olhar do estado, nada extranhariamos, com quanto não o cohonestassem muito os precedentes do regulo ministerial.

Mas tal intimação, precedida da desavença entre um parocho lisboeta e alguns membros da associação, revella que no animo do nobre ministro não ha ainda aquella sizudeza que tem direito a esperar quem, vendo-lhe os cabellos brancos, lhe não acha—o juizo serodio.

Você, faz-me um favor?—dizia no parlamento portuguez um deputado a um collega seu da maioria—subscreva este projecto de lei com o seu nome que careço de fazel-o passar.

—Pois não, meu amigo.

E começa de assignar, quando, posto o primeiro nome, depõe a penna e fixa attentamente o collega.

—É verdade—diz-lhe elle, gaguejando um pouco—é verdade que você não merecia isto; ainda hontem escreveu que me subsidiavam o jornal com trezentos mil reis e...

—Nada!—accode o outro, emendando—Não era consigo: era com o *Illustrado*.

—Ora, não se deffenda. Toda a gente sabe que esse... só recebia duzentos.

Fundou-se em Coimbra um novo club de amadores do xadrez e n'um erudito convite os desoito fundadores vieram lembrar-nos a conveniencia que havia nisto de, na difficil digestão d'um jantar mal elaborado, collocar-se a gente em volta d'uma mesa, no confuso ruido do café Bonança, numa atmosphera viciada por extremo—tudo para ganhar o *formidavel cerebro* de Morphy.

Como a gente se illude: aquellas demoradas evoluções de *bispos* e de *torres*, aquellas democratas combinações de *reis* com os *peões humildes*, tudo aquillo que nós lançavamos á conta d'um dos mil processos de gastar o tempo, engano! *é gymnastica do espirito e do temperamento, pela qual se desenvolve a qualidade do sangue frio, presença de espirito, energia moral... e imaginação.*

Tudo isto no xadrez, é admiravel!

Mas muito mais ainda: as nações extrangeiras marcam entre si o dia d'um congresso, o local, e, mediante circulares cortezes, lembram a vantagem de delegar todos os estados os seus mais eruditos homens de sciencia. Agora é o congresso de Vienna, ao depois o de Bruxellas, ámanhã será o de Coimbra, e nós, os ingenuos crentes, que pensavamos que além meditavam a questão sanitaria, naquelle outro a importante de idéa civilisar a Africa, ah! lorpas! sabemos hoje, que, desacreditados com Sousa Martins, não tivemos entrada ao congresso belga por não nos occorrer talvez mandar—o Alvaro Possolo.

Que o nosso amigo perdoe ao paiz ingrato mas, se alguma vingança póde desejar-lhe o seu bondoso espirito, seja o de fazel-o ao menos—parceiro do Pimentel Martins.

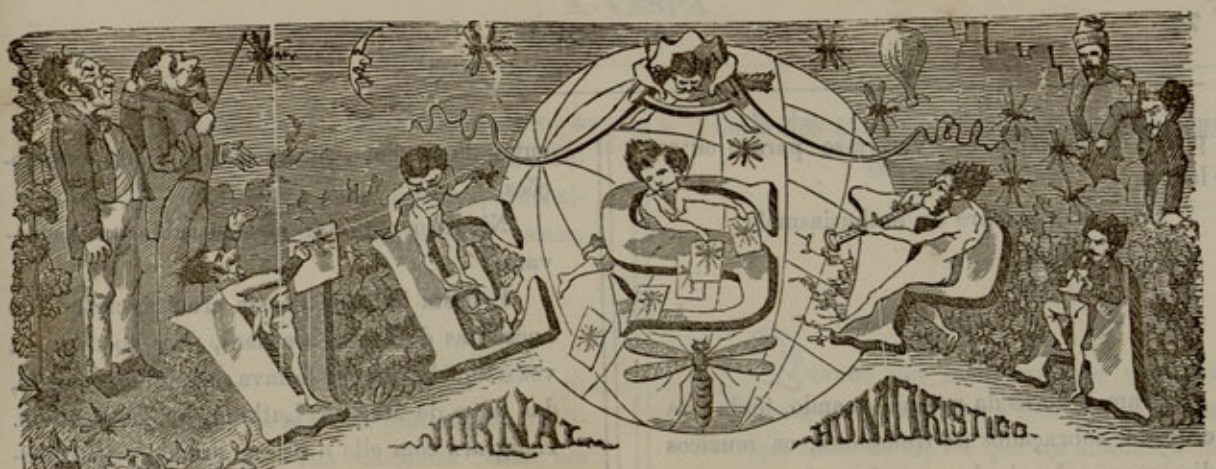
EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes da provincia o distincto obsequio de mandar satisfazer o pagamento das suas assignaturas em sêllos ou valles do correio.

COIMBRA—Imprensa Academica

CHRONICA DAS SACHRISTIAS — por L. Godinho

Domine, non sum dignus.



UM ANNIVERSARIO

Falemos das festas liberaes.

No dia 8 de maio, Coimbra, relembrando a época gloriosa da sua emancipação d'um jugo despotico, festeja ha quarenta annos, com crescente enthusiasmo o anniversario da entrada do exercito libertador.

As brilhantes paginas d'aquella epopeia de trinta e quatro despertam ainda no animo incansavel dos soldados da velha legião voluntaria e no espirito da mocidade alegrias semilhantes ás do alvorecer do primeiro dia da liberdade.

É condão de todos isto, aqui, em Portugal, no seio d'este povo enthusiasta e incorruptivel, que insciente dos mil processos de corrupção, mais que nenhum outro se interessa e vive da commum vida politica do seu paiz.

Espanta que, lá fóra, adormentados todos, o seu indifferentismo não vingasse ainda eivar-nos, perder-nos para as grandes lutas da vida publica, para a affirmação das nossas idéas positivas, cheias de bom senso pratico, para os nossos esforços civilisadores na Africa, para tudo aquillo emfim que nos fez ganhar fóros, já agora indiscutiveis, de povo cultissimo.

É admiravel!

Sob um ceu peninsular temos a actividade pensadora e productiva do *quacker* americano. Nas letras progredimos por tal fórma que começam de justificar-se os receios de treslermos: nas artes a nossa grandiosidade idéal attesta-se no arco da rua Augusta, padrão imperecivel do nosso fino gosto artistico. Na pintura... mas não a accordemos!

Quem, vendo-nos, terá saudades dos esquimós?

* * *

Foi sob este influxo que Coimbra na alvorada de 8 de maio despertou ao delirio patriotico d'uma banda marcial, a cuja frente alguns velhos voluntarios caminhavam no enorme desvanecimento das suas fardas mordidas pela traça.

A chuva cahia despiedadamente.

Mas naquelle delirio de fuzas e semi-fuzas patrioticas, os musicos caminhavam impassiveis, cheios de resignação, a longas pernadas, esquecidos do corpo que lhe assediava insidiosamente o demonio da pneumonia.

E cada cidadão, accordado no leito onde adormecêra d'um somno algum tanto *iberico*, ao vivorio dos voluntarios respondia com uma

praga de carrejão e — virava-se para o outro lado.

Começava a febre do enthusiasmo!

* * *

Eram 5 horas da manhã, quando, finda esta cruzada, sobraçados os trombones, os muzicos dispersaram depois de aguardentados numa taberna da Alta. A bem dizer, começavam as festas.

A chuva continuava caindo impertinentemente: comtudo o fogo do nosso enthusiasmo lavrava sempre, e parecia que Deus se estava comprazendo em despejar-lhe em cima barricas de petroleo.

O povo restituido aos seus labores diarios, fugira das officinas para o confuso ruido das ruas e das praças. Aqui e além uns velhos com fardas exquisitas, lembravam, na surda admiração d'um grupo de aldeãos, os episodios do cêrco. O rapazio magro, roto, esfomeado, esquecido do proprio estomago, corria, acotovelando-se em cata das cannas dos foguetes.

Havia uma confusão enorme. Cada orador tinha um publico certo e *effeitos* seguros para as suas declamações. Alguns mesmo receberam nesse dia seus presentes e, diz-se até que o sr. Martins de Carvalho, o velho liberal, fôra brindado com uma saudação em verso e um prato de aletria.

Foi muito bem entendido.

Mas a chuva continuava sempre imperturbavelmente, cynicamente.

* * *

A anciedade subia de ponto.

Aquelles oradores fogosos que, do alto do Sinai da Associação dos Artistas, nos revelavam em annos anteriores o verbo eloquente da liberdade não appareciam, não se faziam escutar d'este povo em ancias de fortes commoções.

Ninguem os via: não se sabia onde estavam.

E nesta indecisão, nesta cruel anciedade de anecdotas de frades sensuaes, nem ao menos a voz d'aquelle que nos fallava sempre, fatalmente, das lutas de Martim Luthero, se fazia ouvir. Emigrara com elle o ultimo orador e — o ultimo logar commum.

A esta situação accode novamente o hymno num phrenesi de colcheas, que nos fez esquecer o pão do espirito, porque esperavam todos.

* * *

Neste em meio o dia ia descahindo, e d'esta indecisão despertava-nos apenas o rodar do pesado carro do lixo municipal.

Na escarcella dos casacos d'uns patriotas infantis brilhavam os côres da *cocarde* nacional. Eram de certo uns pequenos netos das victimas de 33, aos quaes, nas largas vigilias das noites do inverno, as mães, em lendas falsamente heroicas, instillavam o santo amor da patria, por cujo salvamento lhes morreram os avós.

Mas nem todos eram netos....

Nas praças estacionavam numa estupida impassibilidade, atrelados a velhos *char-à-bancs*, uns cavallos da magreza idéal do burro de Tolentino. Das fivellas das gastas cabeçadas impediam florões de fitas azues e brancas. Era até onde podera chegar a alegria!

Se vão adiante mais, talvez os emancipem —dando-lhes cevada.

* * *

Fechou-se o dia, e, á ultima nota do canto nacional, o povo, febril da sua liberdade, dispersa-se pelas viellas em busca do leito onde descance.

Festejara em barda o seu anniversario, a sua festa, o melhor dia do seu calendario liberal. Ia satisfeito, cheio de si, glorioso, com algum vinho a mais e algum dinheiro a menos.

* * *

São 11 horas da noite. A illuminação publica está funebre, e na rua silenciosa passa, em direcção a casa, cambaleando, em grandes *bordos*, um voluntario da rainha.

VASCO ASCENSIO.

SECÇÃO LITTERARIA

A VICTORINI PRECIOSI

Eu tinha dentro d'alma a candida chimera
D'uns sonhos ideaes dos grandes corações,
Que sentem consumir a lava dos vulcões
Nos olhos da mulher—a flôr da primavera.

.....

Eu não te chamo flôr, nem sol, nem sensitiva,
Nem te venho offertar a timida violeta,
Que tu queres ouvir a voz d'um Almaviva
Que pega na *badine*, e põe uma luneta!

Mulher que cantas bem, eu roprobo da arte,
Amante do bom tom, do *chic* e das *mulheres*,
Oh bella Victorini, eu venho convidar-te....

Dá-me cá o teu braço, e vem ceiar, se queres...

FRADIQUE.

Carta dos cavalheiros CHOURIÇOS aos seus collegas d'Anadia

Meus amigos:

Quando nós imaginavamos viajar sob o mais rigoroso *incognito*, á semelhança do celeberrimo sabio *di lá*, eis que na alfandega dois empregados pozeram toda a electricidade em movimento, e fizeram constar a nossa presença na capital. Immediatamente, accordaram os ares girandolas de foguetes. Regimentos com as respectivas bandas saudaram a nossa passagem. Philarmonicas d'aqui para acolá. Os sinos repicaram. Emfim Lisboa preparou-se com os seus trajes e costumes domingueiros para nos abraçar.

Ah! meus amigos! A gloria! A gloria é uma grande coisa.

Nos theatros perde-se o interesse da opera ou da comedia para se nos assestarem os binoculos.

As pallidas e mimosas filhas da cidade de Ulysses olham-nos com uma insistencia nervosa, lubrica, phrenetica!

São *elles!* dizem em segredo sem que as mamãs as ouçam; e as mamãs de soslaio deitam-nos a petulante luneta. Ellas sonham comnosco, têm-nos como o seu ideal.

Se passamos pelas ruas a burguezia tira-nos o chapeu. As damas acenam-nos com os seus lencinhos perfumados, esvoaçando como pombas inquietas. As multidões perseguem-nos por toda a parte.

Se entrarmos num café, vão logo telegrammas para a provincia n'estes termos:

Chouriços, Martinho, povo enthusiasmo. Dono pediu graça para intitular—Café Chouriço.

Se botamos S. Carlos, outro assim:

Chouriços, S. Carlos, admirados High-life.

Quando fomos ao Paço, outro:

Contas do Oriente—Repartir

Chouriços no Paço. Sua Magestade Rainha, valsou Chouriços. Rei e Chouriços jogaram bilhar, esplendidos. Recepção quasi familiar. Côrte e Chouriços, caçada ás gallinholas ámanhã.

Em summa· até a politica tomou os nossos ares e ademanes. Cada ministro inspirou-se de cada um de nós.

Por isso as leis, os decretos, as portarias tem o nosso cunho e a nossa individualidade.

O povo pára embasbacado a contemplar-nos. Passou-nos já pela idéa o abolirmos a realeza e constituimo-nos em republica. *La marée monte.*

Em summa: ha vestidos, botas, *tournurs á chouriço.* Calças, collares, botas, luvas, charutos *á chouriço.*

Pensa-se, escreve-se politica-se *á chouriço.* Ha tranquibernias, *á chouriço.* Ha cosinha finalmente *á chouriço.*

Ha sessões scientificas em honra nossa. Até somos socios da Academia Real das Sciencias, para o que basta ser d'uma ignorancia seraphica, e da Sociedade de Geographia para o que basta ter sido reprovado no respectivo exame.

Ah! meus amigos *un succès,* como diriam os francezes.

Vou contar-vos um caso de exploração motivado pela nossa augusta presença. As manas da imprensa, aproveitando a maré da nossa vizita, abriram um barracão na Praça da Figueira para fazerem comedia a 10 rs. por cabeça. As comedias são sempre as mesmas—o fingir-se uma apaixonada por nós, e a outra ralhar, pirotear e espinotear com ciumes da irmã concubina do Estado.

Agora o vereis. Zé-povinho ri a bandeiras despregadas, mãos nas ilhargas e vae acreditando na seriedade da peça. Coitado! *Pão e chouriços,* grita elle á imitação dos romanos.

Vou terminar, fazendo-vos uma revellação importante.

A politica declarou-nos uma paixão cega, infrene, alheia a preconceitos. Ella abraça-nos, beija-nos, e tenta arrebatar as nossas pudicas capas. Prometteu-nos amor, gozos infindos e dinheiro. Prometteu-nos reformar a Carta Constitucional em harmonia com o nosso credo. Nós seremos, por amor d'ella, *Poder moderador, Poder executivo* e *Poder legislativo.*

Por ultimo, o povo lusitano trocará este adjectivo, já velho e carcomido pela traça dos seculos, por este outro mais sonoro, mais cheio e mais digno—povo do chouriço. E ver-se-ha qualquer decreto com a seguinte fórmula: D. Luiz, etc. etc. Faremos saber que as côrtes deliberaram e o *Chouriço* quer a lei seguinte, etc.

Viva o povo—chouriço!

Vidal será o nosso cantor, o nosso Camões.

José Tosbes.

CARICATURAS

Uma polemica travada entre alguns jornalistas da capital vai tão desboccada a phrase e tanto á rédea solta que é de crer que a policia intervenha por causa da hygiene.

A questão, derivando das columnas do jornal para as praças publicas, produziu já o escandalo d'algumas bengaladas no Chiado e o assoalhamento d'umas grandes miserias que teimamos em não acreditar.

Lendo porém com attenção as accusações que mutuamente se trocam os assanhados contendores apura-se sem duvida, sem vacillar sequer, que ao mesmo tempo que um é honesto caracter, o outro e um safado patife.

Isto não admitte duvidas.

O que falta agora—é distinguil-os.

O sr. Luiz de Campos, o mais romantico deputado ás côrtes, que o suffragio popular ha muito tem levado ás salas de S. Bento, cansado das glorias parlamentares, deu em dramaturgo: e, mediante o processo das longas scenas violentas, do dialogo arrebicado, teve artes de fazer-se applaudir em D. Maria no seu drama *Leonor de Bragança*.

Não discutimos, não queremos discutir-lhe os merecimentos da obra que *coroará* um dia uma commissão benevola.

Comtudo, se nos toleram um pedido, que o sr. Luiz de Campos, como dramaturgo, nos declame antes um discurso seu, e como parlamentar que nos recite a sua *Caridade*.

O Bolson das contas lisas,
Que faz contractos escuros,
Já tem á venda as camisas
De quem lhe pediu a juros.

Esperamos quanto antes
—Que não virá longe o dia—
Ver-lhe fardos nas estantes
Das pelles da academia.

A *Nação* conta o seguinte caso, sob a epigraphe de *Coragem christã*:

«Dois cirurgiões, que se preparavam para operar uma pessoa piedosa, temendo que esta se movesse e prejudicasse o bom resultado da operação, propozeram-lhe que se deixasse ligar. O enfermo apontando para um crucifixo, que tinha em uma das mãos, disse-lhes:—Aqui tendes a ligadura mais forte que me terá immovel, e que é muito melhor que todas as vossas ligaduras.»

Admiravel! O que esqueceu, porém, foi accrescentar que, depois de operada, a piedosa doente tem uma hemorragia que pôde sustar —com o signal da cruz.

Aquelle ardente apello á caridade portugueza a favor do cavalheiro que, sentindo appetite de ir a Roma, nos pedia a esmola de o coadjuvar, não foi improficuo, e começamos de registrar as dadivas, que, depositadas nas nossas mãos serão entregues a tempo ainda de empontal-o para a Italia — As dadivas são as seguintes:

Da redacção da *Vespa*—uma *Salve rainha*.
Do reverendo padre A.....—180 em meoda hespanhola.
Da redacção do *Seculo*—uma figa.
Do sr. Magalhães Lima—uma facada (*).
Do sr. Bolson—um emprestimo—a 20 p. c.
Do sr. A. da C.—um membro da junta de parochia.

(Segue).

Lembramos ás almas piedosas a conveniencia de, o mais cedo possivel, puxarem pelos cordões á bolsa—para nos pagar a assignatura.

VASCO ASCENSIO.

EXPEDIENTE

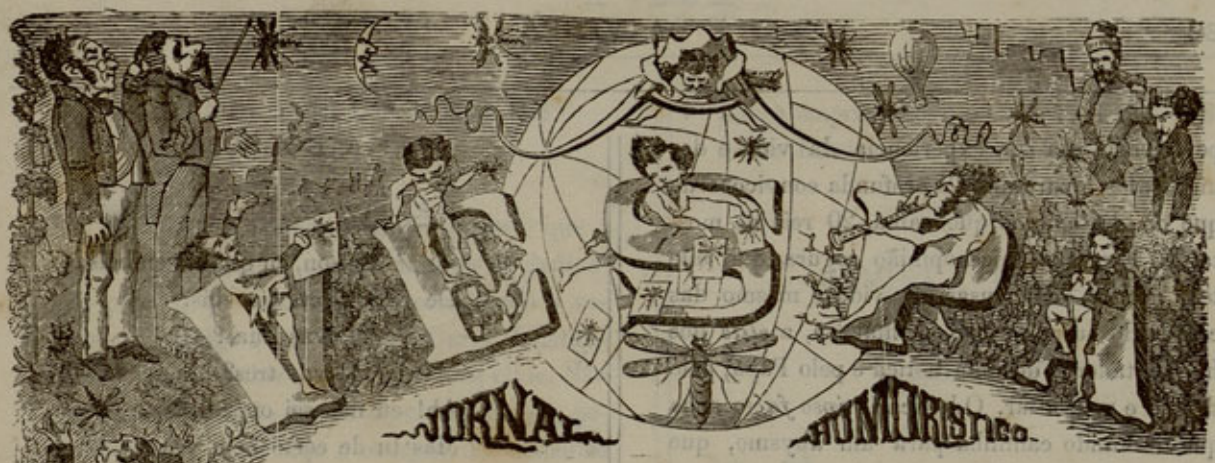
Rogamos aos nossos assignantes da provincia o distincto obsequio de mandar satisfazer o pagamento das suas assignaturas em sêlos ou vales do correio.

(*) Figura de rethorica.

COIMBRA—Imprensa Academica

PERFIL D'ASTRONOMIA PORTUGUEZA

Analyse de Venus... no Chiado



A BOTICA

A unica instituição franca e verdadeiramente liberal que ha neste paiz, o unico centro de actividade intellectual e de expansão scientifica, o unico fóco de convergencia critica e de senso commum que possue hoje Portugal é a botica, a genuina e caracteristica botica portugueza, onde se jogava o gamão no tempo de Tolentino e onde hoje se talham os destinos das nações, onde se fixam os novos rumos da sciencia, onde se critica, onde se conversa, onde se pensa e onde se discute. Quem quizer avaliar a sociedade portugueza não vá aos cafés, aos theatros, aos passeios, ás bibliothecas, ás academias, aos cursos scientificos, ao jornalismo; vá ás boticas... e peça 6 grammas de linhaça pisada. Em quanto lhe pisam a linhaça, analyse os individuos que o rodeiam, escute a conversação que os entretem e verá e ouvirá o que nunca imaginou ver nem ouvir nesta nossa sociedade perfeitamente convencional e hypocrita.

Ali o doutor faz-se estudante, o estudante toma ares de cathedratico, o funccionario publico torna-se accessivel, o theologo tem senso commum, o simples padre chega a discutir e o boticario consegue racciocinar.

É uma maravilha!

Debatem-se ali todas as questões, resolvem-se todas as duvidas, criticam-se todas as hypotheses, apreciam-se todas as instituições, discutem-se todas as idéas, aquilatam-se todos os factos, resolvem-se todas as sciencias e tratam-se todos os escandalos. A botica é um estado noutro estado. Vive e prospéra fóra das condições communs da sociedade portugueza, porque não jurou a Carta nem a Immaculada Conceição, não obedece ao rei, não pensa no sr. marquez d'Avila, ri-se dos peregrinos, faz epigrammas ao Patriarcha, censura o sultão, critica o Czar, aprecia Bismark e chega a taxar de mystico o rei Guilherme, de sentimental e lyrica a imperatriz das Indias e de semsaborão o proprio D. Luiz. É um horror e umas delicias.

O melhor presidente de ministros que este paiz ha de vir a ter, mas que ainda não teve a fortuna de apanhar, ha de ser um boticario. Sim, porque a botica faz o boticario. O boticario é um homem cheio de tolerancia e de nodoas de oleo de amendoas doces, que lhe torna o caracter e o fato variado, furta-cores, macio e unctuoso. O boticario é um sujeito que tem todas as opiniões possiveis, mas que não dá nada por nenhuma d'ellas. A sua nativa

perspicacia e a sua experiencia da vida e dos unguentos levaram-n'o á profunda convicção de que não ha opinião que valha 20 reis de mostarda. É esta a unica opinião segura que elle tem ácerca das cousas da vida e mesmo das cousas do outro mundo. A maioria, a *elite* dos frequentadores de uma botica é pelo Papa, pelo throno e pelo altar. O boticario *ipso facto* acha que o mundo caminha para um abysmo, que vae perdida a religião, que estamos assoberbados pelos petroleiros. Os *habituès* são livres pensadores, fallam contra a reacção, dizem mal dos padres, assassinam os reis com a grammatica, esganam o Papa com a eloquencia! O boticario faz-se logo garibaldino, chama trambolho da civilisação ao Pontifice, alcunha os padres de hypocritas, os constitucionaes de devassos, os ministros de corruptos e diz que é preciso pôr tudo num monte e arranjar de tudo isto uma nitreira artificial.

Mas em nenhum dos casos o boticario se enthusiasma, se encolerisa ou mesmo se exalta. As phrases são macias como manteiga de cacau, as apostrophes brandas como pomada alvissima, e as proprias interjeições parecem feitas com oleo de amendoas doces. Podem os frequentadores metter quanto algodão-polvora quizerem nas suas palavras, quanta nitro-glycerina lhes aprouver nos seus discursos, que o boticario é sempre unguento de soldado. Nesta serena imparcialidade e tolerancia vive pois a botica portugueza como a mais perfeita instituição politica da nossa sociedade.

JOÃO RUBIO.

Temos recebido nesta redacção alguns livros, que agradecemos, mas cuja analyse, pelo pequeno espaço de que dispomos hoje, adiamos para ulteriores numeros.

A BOLSON

Ó Bolson, tu quanto embolsas
De cada libra que dás?
Levas duas?
Levas tres?...
Ah! eu não sei onde irás,
Mas tu de certo bem vês
Quanta gente honesta e fina,
Nesse andar,
Foi parar
Ao gume da guilhotina.

Evita esse trilho, amigo,
E vai com o que eu te digo.

Os contractos que tu fazes
C'os rapazes
Nesta terra porca e suja,
Dão-te um aspecto cruel!
E até não sei por que arte,
É que tu, pomba sem fel,
Semelhas um bacamarte
Estuchado,
Apperrado
N'este pinhal d'Azambuja.

Eu não m'importo que vendas
As camizas, os collares;
Mas o que tu me preparas
São camizas d'onze varas
Ou cordas p'ra m'enforcares?

Ai Bolson, p'ra te lembrar
Sempre a minha gratidão
Á bondade que tiveste,
Talvez, tendo occasião,
Eu medite em te esganar
—Na fita que tu me déste.

VASCO ASCENSIO.

O SR. MARQUEZ D'AVILA E OS ENTERROS CIVIS

Diz-se e cremos com fundamento que o digno marquez num rasgo luminoso de dedicação pela egreja catholica e prostergando a velharia do artigo 145.º § 4.º da Carta Constitucional, vae prohibir os enterramentos civis. Não podemos prever de fórma alguma até onde poderá chegar o exforço e energia do catholico marquez, que a nosso ver quer que todos aquelles que se recusam a ir ou pessoalmente ou *inmente* ao beija-pé do Vaticano vão depois da morte ao paradeiro dos cães vadios a quem a camara municipal, por ultima esmola, dá um bolo de strichnina e põe ao seu dispôr um carro do lixo.

Emfim, sr. marquez, v. ex.ª que é presidente de ministros póde muito, e ouso até dizer que póde tudo; é porém conveniente que não perca da lembrança que os tempos piedosos do reinado de D. Manuel não podem reviver ao som da voz maviosa de v. ex.ª e que hoje o fanatismo religioso já nos não cega a ponto de consentirmos que aquelles que durante a vida viveram junto a nós como prestantes cidadãos e bons amigos vão depois da morte ao esgoto que v. ex.ª lhes destina.

Se v. ex.ª quer grangear da Sé de Roma o titulo de *Pimpão clerical*, e que do alto da cadeira pontificia desça sobre si e toda a sua illustre descendencia um olhar de illuminadora graça—mande v. ex.ª pintar de novo as imagens da egreja parochial da Gardenha de Cima ou retocar um quadro das almas que existe em Rufiães. — Mas, resolvendo-se á pratica de acções tão meritorias como estas, é bom que primeiro se apeie do alto pedestal a que o levantaram, e, em vez da farda de ministro liberal, envergue a capa branca da irmandade da Senhora da Conceição.

Que se não diga lá fóra que o homem a quem em Portugal se confiou a questão suprema das cousas publicas, á conta dos grandes exforços empregados para salvar-nos; só póde dar —um Ermitão de Santa Lazara.

REVISTA THEATRAL

O PARALYTICO

A companhia do theatro Gymnasio de Lisboa fez a sua estreia em Coimbra com o drama de Crisafuli, versão do sr. Ferreira de Mesquita, o *Paralytico*.

O drama talhado em moldes gastos não vingaria fazer-se escutar silenciosamente se a interpretação talentosa de Antonio Pedro lhe não obscurecesse os defeitos.

Porém sobreleva ainda aos vicios do auctor o calão baixo e muito de viélla, que o traductor entre-metteu nos dialogos melhor travados do original.

Ha phrases ali d'um sabor exquisito e rescendendo muito ao fartum da velha comedia de cordel. Aquillo avilta quem o escreve, e esmaga o actor que, não podendo reagir, se acha forçado a reproduzil-o.

* * *

A Antonio Pedro cabem incontestavelmente as honras a que tem direito todo o trabalho artistico feito com consciencia e estudo.

É de espantar que actores sem escólas theoricas de declamação e arte dramatica, sem a illustrada convivencia em scena com collegas imminentes, fartos de lisonjas, minguados de proventos, produzam ainda creações d'aquelle folego, por exforços do talento que imaginavamos gastos em cata d'expedientes p'ra viver. São segredos de Antonio Pedro e de poucos mais.

Sempre á altura de si mesmo, do seu nome e da comprehensão segura do papel que se in-

QUADROS DE PROVINCIA

Physionomia da botica

carnara, é brilhante de esmagadora verdade em todo o quarto acto, que é tambem o melhor do drama.

Aquella prolongada agonia sem desnaturaes visagens, as variadas situações do seu espirito quebrado de todas as dores, a atterradora consciencia do seu envenenamento, tudo isto são difficuldades com que arrostou Antonio Pedro a quem ajudavam apenas, nalgumas rapidas scenas, o proveitoso estudo e incontestavel merecimento de Gil.

Ao todo, Antonio Pedro... em cinco actos.

* * *

A *Vespa* sahindo hoje do seu habitual desleixo das cousas serias, entende prestar nestas poucas linhas uma prova da sua consideração aos muitos meritos de Antonio Pedro, de quem não é raro ouvir dizer-se que lhe dera Deus estupidez em barda.

Nós tambem o cremos, mesmo porque, se Antonio Pedro tivesse muito talento não dava aquillo: fazia—umas botas.

CARICATURAS

Os estomagos e os deuses vão-se!

Aquelle bello appetite portuguez, insaciavel de orelheira com feijão branco, vae perdendo-se no abysmo da dispepsia *realista*.

Estamos em pleno reinado da chlorose, e d'este torpor pathologico não ha roubar-nos nem a lembrança do que fomos — nem o que é mais, a prespectiva d'um presunto.

Num livro precioso que temos aberto sobre a nossa mesa, o seu auctor, como que justificando-se da velleidade de escrever a *Arte de servir á meza*, começa:

«Como neste paiz *ainda* existem algumas pessoas que gostam de jantar» etc...

Que melancolia naquelle *ainda*!

D'antes, sim, d'antes é que se comia, sem escrupulos do paladar, sem ameaças do estomago imperturbavel e voraz como o do abstruz!

Hoje... mas para que encher-nos de tristeza?!...

Sr. redactor.

No seu muito lido jornal a *Vespa*, n.º 10, vem o meu nome entre os dos suscriptores para as miserias do Papa com o donativo d'um membro da junta de parochia.

Venho declarar a v. que foi mal informado. Eu não mandei membro nenhum ao Papa, não só porque julgo Sua Santidade na sua perfeita integridade physica, mas porque me consta ainda que o Summo Pontifice não faz collecção de bagatellas.

O que eu mandei para Roma foi apenas a sciencia da *Revista de Theologia* para Sua Santidade saborear nos dias de jejum rigoroso. Espero dever a v. o favor d'esta satisfação.

seu constante leitor

A. da C.

Errámos! Que nos absolva já a confissão do nosso involuntario crime.

Quando recebemos n'esta redacção a nota do mimo com que o sr. A. da C. brindava o nosso piedoso pedinte, vacillámos um pouco, chegando a tremer pela sanidade da junta de parochia—desmembrada.

A amavel carta que acima transcrevemos, tranquillisando-nos pelo que respeita em geral a todas as juntas de parochia e em especial á de Coimbra, que o nosso *constante leitor* tanto accata, enche-nos de jubilo tambem porque é de crer que Sua Santidade, no seu proverbial bom-senso, ao receber a dadiva do nosso amigo,

prohiba segunda remessa do genero—com medo de morrer opiado.

Os peregrinos bracarenses, ao despedir-se na estação do caminho de ferro, entre soluços e saudosissimos apertos de mãos, receberam d'um lyrico piedoso os seguintes versos:

Parti em boa hora
Bons filhos do Senhor,
Levae ao grande Pio
O nosso preito e amor.

Que vossos passos guie
A luz que vem de Deus,
Que sobre vós derrame
Favores mil dos céus.

E quando regressardes
Ao vosso patrio lar,
Do Pae Commum trazei-nos
A benção salutar.

A curia tão impressionada ficou com o lyrico bracarense que respondeu pelo telegrapho:

Elle ficou muito obrigado
Á vossa feliz lembrança.
Só disse que era melhor:
Menos verso—e mais pitança.

A *Atalaia* é impudente e porca. Não teve mais em que vingar-se e despejou sobre nós um cesto de lixo... rimado.

Ó comborça clerical, ou tu lavas as mãos, ou eu dou parte á policia.

A queda do ministerio francez — apanhou de chofre o sr. marquez d'Avila a quem a noticia encheu de intima alegria.

Moralmente, pelo nosso affecto a s. ex.ª, achamo-nos obrigados a felicital-o:

Ao Broglie portuguez

a *Vespa* dá os parabens.

O governo destina a avultada somma de 3:000$000 rs. para premio dos melhores trabalhos artisticos que forem julgados dignos de figurar na proxima exposição de Pariz.

Achamos sinceramente engraçado este processo de criar talentos em Portugal, e sobretudo muito symptomatico da nossa indolencia em questões de ensino.

Se o governo, descurando as escólas de bellas artes, pensa que a tudo póde supprir o barato expediente da ganancia a 30 libras por caveira, deverá ter-se conscienciosamente espantado de que o paiz lhe não retribua a fineza annunciando que dá o dobro da quantia — por um ministro de idéas sãs.

VASCO ASCENSIO.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes da provincia o distincto obsequio de mandar satisfazer o pagamento das suas assignaturas em sêlos ou vales do correio.

COIMBRA—Imprensa Academica

(RECLAME)

Typos—antes de contractar....

Depois de contractar

Os arrependidos!

CONTRACTOS COM BOLSON

Depois da silenciosa incubação de dois mezes, o sr. Lopes Branco, governador civil de Coimbra, ao chegar á séde do districto, cuja direcção lhe fôra confiada, desentranhou-se em proclamações e circulares ao districto, ás camaras e aos administradores.

Este facto, um pouco novo entre nós, dá a sua excellencia uma notoriedade muito singular: e se por um lado o conceitua ante o sr. de Bolama, baccoreja-nos que o desconceituará um tanto perante o sr. Alves de Sousa--latinista.

A proclamação, que é um primor de idéal administrativo e um desprimor grammatical, é como segue:

AO DISTRICTO DE COIMBRA

Cabe-me a honra de vir mais uma vez administrar este Districto, nunca até hoje sollicitada, nem appetecida, mas que por isso mesmo mais aprecio; e no desempenho dos deveres, de que me encarreguei, desejo tanto corresponder á confiança, com que me foi entregue a auctoridade, que acceitei, como em todos os concelhos merecer aquella, de que depende a força moral dos meus actos.

E com a confiança do districto tambem agora conto, da mesma fórma que a tive as vezes anteriores que já aqui vim exercer o mesmo cargo. E hei de merecel-a; porque para mim foi sempre dever capital no exercicio de funcções publicas fazer *justiça a todos*, sem me importar quem a requer, isento sempre em toda a parte de quaesquer paixões, ou de embaraços que me tolham a livre acção d'ellas; e a firmeza com que a auctoridade faz justiça igual, é semqre retribuida com a confiança pronunciada de todos.

Será possivel que haja, a quem eu desagrade; mas de uma violencia, ou de acto menos justo e pouco reflectido, ou de uma deslealdade, nunca haverá quem se queixe contra mim.

A natureza da minha auctoridade é benefica, e moralisadora, e ella promove tambem, e protege o progresso razoavel, e os melhoramentos possiveis, e neste intuito conto com a coadjuvação franca e leal de todos; por isso que a politica, que é sincera, e filha sómente do patriotismo puro, reconhece que fóra dos debates partidarios, resta o bem publico, para o qual concorrem em harmonia cordeal os homens de divergencias as mais profundas.

E se é meu desejo premover a todo o districto, quantos beneficios eu podér, a esta cidade berço da carreira de que me honro, quizera

juntar aos desvellos que já me tem merecido, prova maior de quanto a amo.

A ordem é sempre a condição obrigada de um povo civilisado, a conservação da qual depende o respeito recidroco de *todas as classes* entre si, e pelos bons costumes; e estas indicações hão de merecer-me tambem particular attenção.

Vem a esta cidade fazer parte da sua população, a maior parte do anno, uma classe numerosa de mancebos, para na carreira das letras se habilitarem a servir o paiz nos differentes ramos, que as leis têm creado, para prover-se á instrucção e muralisação de todos, á administração civil, e da justiça dos tribunaes; e habilitações d'esta ordem exigem, depois da educação na familia, aquella que vem do tracto na sociedade, com a qual por ultimo se adquire a outra, de que ainda depende o bom desempenho de todos os cargos, e funcções publicas.

A estes mancebos, quanto a naturez da minha auctoridade me permitte que lhes falle, basta invocar-lhes os seus brios, para confiar que até me coadjuvarão em tudo, que d'elles dependa, para manter n'esta cidade o respeito á lei.

Confio pois, que a minha administração ha de merecer o apoio do districto, affiançando, que terá sempre accesso franco a mim, quem quizer procurar a auctoridade, que represento, ou para proteger algum direito que se queira, manter; precaver, ou roprimir qualquer attentado, ou violação da lei; ou para se me inspirar toda a idéa, com que eu possa promover o bem do publico.

Secretaria do Governo Civil do Districto de Coimbra, 28 de Maio de 1877.

O Governador Civil,

A. R. O. Lopes Branco.

Do que transcrevemos apura-se, em primeira mão, que o sr. Lopes Branco, que nunca appeteceu tão grande honra, se sacrifica inteirinho á confiança de que foi depositario e outro sim que espera merece-la igual d'aquelles a cuja administração vem presidir.

Até aqui o homem é honesto, e nada ha que reparar-se, salvante a construcção do periodo que me faz pensar se sua excellencia seria um acrobata—pelas cabriolas da grammatica.

Ao diante segue dizendo que é possivel que desagrade a alguem... não crêmos... mas que de acto pouco reflectido, isso não! isso ninguem se queixará.

Nós tambem assim o pensamos; mas temos a observar sómente que se sua excellencia levar para as coisas da administração do seu districto o tempo que gastou em reflectir estas proclamações, para a justiça de todos nós, é melhor que não pense tanto. Trabalhos intellectnaes d'esta ordem, gastam: e se sua excellencia morresse—a pensar?...

Outro sim deseja que os partidos que se digladiam, que se odeiam, que se insultam sómente pela *politica que é sincera* e *filha do patriotismo*, ao seu dizer, fóra dos debates partidarios se unam e congrassem para coadjuval-o em todo o progresso rasoavel, em todos os beneficios que o seu amor a esta terra tenciona promover. Este desejo é louvavel: e para realisal-o sua excellencia não teve duvida até em escolher, para rodeal-o, para fazer-lhe a corte—os homens de todos os partidos, o elemento commum, fluctuante, iamos a dizer a vasa de todos elles.

Para tudo isto porém carece-se de *ordem* que *é sempre a condição obrigada d'um povo civilisado, a conservação da qual depende do respeito reciproco de todas as classes entre si, e pelos bons costumes; e estas indicações hão de merecer-lhe tambem particular attenção.*

Sua excellencia aqui, neste ponto, trahiu a sua causa, a sua unica missão.

Fallar em *ordem*, no regimen Bolama, é ar-

mar a vara administrativa em programma de cacetada: é toda uma conspiração dos sabres da municipal contra os costados que nos garante a carta e nos não poupa o nobre marquez.

Foi em nome da ordem, ex.mo sr., que aos confferentes do Cassino se arrolharam as boccas com uma portaria abstruza e torpe: foi ainda em nome da ordem, sr. Lopes Branco, que os enterros civis foram tolhidos na sua execução: é finalmente em nome da *ordem*, que o mesmo é que dizer a aviltação de todo o homem que pensa, de toda a consciencia que se liberta, que v. ex.a escreveu aquelle periodo que parece estar já sob o regimen *ordeiro* do sr. d'Avila!

Em ultimo logar sua excellencia dirige-se aos briosos academicos, esperando que, coadjuvado *em tudo que d'elles dependa*, a sua administração *hade merecer o apoio do districto, affiançando que terá sempre accesso franco a elle*... porcaria... *quem quizer procurar a sua auctoridade para proteger algum direito... ou para se lhe inspirar uma idéa com que possa promover o bem publico!*

Esta declaração ex.mo sr., creia que nos comoveu e, quanto em nós couber, faremos tudo, pela nossa parte, a quem achar uma idéa para uso de v. ex.a É a maior prova da nossa sincera estima.

VASCO ASCENSIO.

EXPEDIENTE

Com este numero termina a primeira serie do nosso jornal, que, suspenso até outubro, continuará depois sahindo com a possivel regularidade.

Os nossos assignantes de Coimbra que estejam em dia no pagamento das suas assignaturas e os cavalheiros que nas provincias nos honraram com a sua subscripção, continuarão sendo considerados assignantes, salvante o caso de renuncia por escripto ou ainda não satisfazendo á importancia de que somos credores.

A' imprensa periodica que nos honrou com a troca, pedimos o distincto obsequio de suspender a remessa até ao 1.º d'outubro, dia em que sahirá o primeiro numero da segunda serie.

Aos cavalheiros que não tendo satisfeito á importancia da sua assignatura, e queiram fazer cessar o debito, pedimos o obsequio de remetter para o director da—IMPRENSA ACADEMICA.

SECÇÃO LITTERARIA

No tempo em que a Natura, em seiva exuberante,
Gerava cada dia um filho collossal,
Quizera aos pés viver d'uma joven gigante
Como aos pés d'uma dama um gato sensual.

Quizera ver crescer-lhe o corpo livremente,
E d'alma o florescer vivaz acompanhar;
Ler-lhe do coração a chama occulta, ardente
No humido vapor, que nada em seu olhar.

Percorrer-lhe á vontade as formas monstruosas,
Dos joelhos subir ás curvas grandiosas...
E quando o sol do estio a prostra em grato enleio,

Cansada e descuidosa, atravez da campina,
Dormir tranquillamente á sombra do seu seio,
Como uma aldêa humilde ao pé d'uma collina.

(Trad. de *Baudelaire*).

P. M.

CARICATURAS

O sr. Fontes Pereira de Mello, na sua excursão pela Europa, tem sido, no dizer dos

Ex.mos Sr.s

Emquanto os peregrinos vão caminho de Roma; emquanto no Vaticano se esgotam as ultimas lagrimas de Christo — a Vespa, lembrando-se dos seus tempos antigos; — quando ia aos seminarios á missa para vêr o namôro, unico fim practico e positivo das missas; declara-nos que tambem quer ir a Roma

que quer assistir á orgia d'uma ladainha, na capella de S. Pedro, ao lado dos ministros e pede-nos, para maior brilho da grande função, que lhe conceda-mos alguns sustos. Nós tractamos de dissuadir pelo terror; mostrando-lhe um n.º da Atalaia e outro da Palavra; recitando-lhe alguns trechos das allocuções do papa aos peregrinos. Depois empregamos os meios persuasivos;

mostrando-lhe quanto é nobre o trabalho, quanto são respeitados os obreiros da civilisação que a religião estiola no seu immobilismo e na sua fé. Em presença destes casos, temos a honra de declarar a V. Ex.as que a Vespa não vestirá o balandrau para beijar o pé ao papa; porque os nossos argumentos convenceram-a; mas para que ella se divirta determinamos mandal-a para férias grandes com os rapazes briosos da lasa Athenas

Prevenimos pois os nossos assignantes de que a Vespa vai descançar dos trabalhos da vida publica até Outubro

Coimbra, 29 de maio de 1877

De V. Ex.as Att.os v.os

Lopes Godinho & Comp.a

jornaes regeneradores, altamente apreciado nas suas qualidades moraes e physicas.

Em Paris, a nova da sua chegada correu pelos *boulevards* com a rapidez d'um estremeção electrico e de todos os angulos da cidade accorreram a ver-lhe o rosto luzidio e cheio de beatifica alegria.

Sua magestade... perdão, sua excellencia estava soberbo da gloria de saber-se tão conhecido e, em meio do desvanecimento geral no silencio d'aquelle pasmo collossal ouvia-se a um canto:

—Ó Dieu, dépuis que j'ai inventé *l'Eau circassienne* cette royauté etait fatale!

Bolson, dizem que as camizas
Que tu vendes, são mui caras!
Patetas que não vêem
Que todas ellas têem
De panno—só onze varas.

A allocução dos peregrinos portuguezes seguiu-se no Vaticano umas das mais commoventes scenas que, já agora, podem haver n'este mundo sublunar.

Sua Santidade, ao mystico palavreado do sr. Patriarcha, sentiu deslisar pela enrugada face uma lagrima piedosa, e respondeu em phrases taes que, pelos modos ninguem o entendeu—porque ficou sem resposta.

Como fosse necessario cohonestar o facto e os peregrimos — nem tudo lembra! — só haviam esquecido apprender o italiano, os jornaes catholicos lembraram dizer que a commoção lhes embargára a voz. O Patriarcha sahiu corrido de todo, envergonhado, e até, em vez d'um calix que levava, esteve para dar a caixa do rapé: mas chegado cá fóra, na ampla expansão d'uma grande baforada, disse:

—Que me diz a isto, padre Amado?—Que me diz á falta de lembrança?

—Palavra d'honra, ex.^{mo} sr., se fosse num exame de primeiras letras... reprovava-o.

E fazia-o! porque este padre Amado, quando examinador em Lisboa é o terror das creanças e... da grammatica.

A ELLE

Elle—ouvi—contricto um dia
Da divina omnipotencia,
Leu o processo Cartouche...
—Exame de consciencia!

Passaram em Coimbra, com direcção á Citania alguns litteratos de Lisboa, de cujo alto entendimento vai impender a verdade historica d'aquellas excavações.

Entre os notaveis *archeologos* da capital notámos o sr. Gervasio Lobato e o nosso bom amigo Magalhães Lima e outros.

Que o sr. Gervasio Lobato seja um escriptor muito distincto—na capital, que tenha todo direito a ser escutado em assumptos theatraes, não o duvidamos por maneira alguma: mas que s. ex.ª possa ser ouvido agradavelmente sobre a edade d'uma amphora ou sobre a natureza de um craneo antigo—oh! isso não!

S. ex.ª d'isso nada sabe! Juramol-o! Por taes motivos o sr. Lobato, accedendo ao convite, se o teve, é symptomaticamente imodesto e faz-nos suppor que, naquella reunião, o que mais lhe seduz o espirito são as amphoras do vinho do—sr. Francisco Sarmento.

O drama do sr. Antonio Ennes, o *Saltimbanco*, foi posto em scena no theatro Academico numa das noutes da ultima semana.

Extravagante na concepção d'um personagem exotico, fóra do nosso meio social, o sr. Antonio Ennes como que quiz evitar, pela *ficelle* e pelo velho *truc* dramatico, a alta difficuldade de estirar naturalmente aquelle assumpto por quatro actos.

O *Saltimbanco*, que é um pelotiqueiro de feira, velho, gasto, aguardentado, tem uma filha, a cujo amor se consagrou inteiro: e cioso da sua felicidade prefere á ventura de tel-a junto de si, no seu deploravel meio, a tristeza enorme de vel-a rica mas indifferente quasi ao seu affecto de pae.

Um dia um acontecimento deploravel lançou a filha nos braços do pae e elle, o *Saltimbanco*, que tanto escrupulo tivera de tel-a junto de si, na sua conveniencia, quando pequena ainda, ignorante, sem uma idéa superior, não vacilla de arrastal-a ao estrado d'um barracão de feira quando ella tem vinte annos, quando noiva de um visconde e quando, sobre tudo, ella falla e pensa com uma illustração de *bas-bleu*.

Sobre tudo o que ella sabia mais era anatomia!

Eis o resumo do drama, que vicioso na origem, e cheio de defeitos nos processos dramaticos, tem comtudo excellentes virtudes—para ser executado por Antonio Pedro.

VASCO ASCENSIO.

Á MÃE POSSIDONIA

Lopes Godinho

agradece.

A VESPA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADAMENTE)

Em Coimbra

Por mez	200 réis
» tres mezes	600 »

Provincias

Por tres mezes	630 réis
» seis »	1$260 »
Numero avulso	60 »

COIMBRA—Imprensa Academica

CHRONICA DAS SACHRISTIAS—por L. Godinho

—Louvado seja nosso Senhor! que serviço, senhora Jacintha, que serviço, vocemecê vem fazer á religião!

—Cámem, só para servir a Deus, é que eu me mettia n'isto!

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LIVRARIA
BELISÁRIO PIMENTA
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
REVISTAS
COIMBRA